

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**POTENCIALIDADE DA ARQUEOLOGIA EM MUSEUS:
ANÁLISE DA EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU
DE HISTÓRIA NATURAL - ITS/PUC GOIÁS**

GABRIEL DUARTE RODRIGUES

GOIÂNIA-GOIÁS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
INSTITUTO GOIANO DE PRÉ-HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA
BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA

**POTENCIALIDADE DA ARQUEOLOGIA EM MUSEUS: ANÁLISE DA
EXPOSIÇÃO DE ARQUEOLOGIA DO MUSEU DE HISTÓRIA
NATURAL - ITS/PUC GOIÁS**

GABRIEL DUARTE RODRIGUES

Orientadora: Prof.^a. Ma. Ludimília Justino de Melo Vaz

Trabalho desenvolvido como requisito de
obtenção de nota na disciplina de Trabalho de
Conclusão de Curso 2 no curso de Arqueologia.
Curso ofertado pela Pontifícia Universidade
Católica de Goiás (PUC Goiás).

GOIÂNIA-GOIÁS

2024

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Ma. Ludimília Justino de Melo Vaz

Escola de Formação de Professores e Humanidades
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Examinadora:

Prof.^a Dra. Rosiclér Theodoro da Silva

Escola de Formação de Professores e Humanidades
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Examinadora:

Profa.^a Dra. Nicali Bleyer Ferreira dos Santos

Escola de Formação de Professores e Humanidades
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

REFERÊNCIA DA OBRA

RODRIGUES, Gabriel Duarte. Potencialidade da Arqueologia em Museus: Análise da exposição de arqueologia do museu de história natural - ITS/PUC Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arqueologia), Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2024. 63 pp.

*“É tão bonito viver, é tão bonito sentir
Que aquelas noites em claro resultaram nisso aqui
Vivendo todos meus sonhos, sentido cada detalhe
Cês assistiram do lado, cês viram de onde eu sai.*

*Guardando sucessos, sonhos que vão longe
Criando os meus versos que moldam o destino
Tudo o que eu faço não foi pra chegar longe
Tudo que eu faço é pra honrar meu início.”*

(LW)

AGRADECIMENTOS

Quando comecei o curso, não imaginava que iria me apaixonar tanto por estudar sobre um assunto, hoje digo, a arqueologia me fez querer cada dia mais e mais ir em busca de conhecimento. Quando iniciei o curso tive um sonho, comigo em campo como um arqueólogo, trabalhando na área, sendo um pesquisador que descobria coisas novas e importante, esse sonho permaneceu guardado na minha mente desde então e hoje posso dizer, vou torná-lo uma realidade. Essa trajetória que fiz no curso foi longa, tive adversidades no caminho, veio a pandemia, tive que trancar, mas sempre na mente que iria retornar, e digo que sou feliz constantemente com a escolha de curso que fiz.

Inicialmente queria agradecer a minha mãe Valeria, uma mulher guerreira e batalhadora que criou e cuidou de mim e do meu irmão sendo uma mãe solteira e que apesar de várias adversidades nunca deixou nos faltar nada, uma pessoa que tenho admiração e amor eterno. Juntamente, agradeço minha tia Claudia, que sempre digo que é minha segunda mãe, que cuidava de mim enquanto minha mãe estava trabalhando e que também fez parte da pessoa que sou hoje. Não poderia esquecer da minha tia Mariângela que cuidava de mim e meu irmão quando necessário e ensinou diversas lições valiosas, amo de mais todas as três de coração, sei que todas se esforçaram ao máximo para eu ser quem sou hoje e, não me deixaram parar de estudar, fazendo ser a pessoa que sou. E claro, não poderia deixar de falar no meu irmão Pedro, que serviu de inspiração como irmão mais velho, um exemplo nos estudos e esforço próprio. Agradeço a todos os familiares. Muito obrigado a todos vocês!!

Agradeço a minha professora, orientadora Ma. Ludimília Justino de Melo Vaz, que sempre me incentivou, auxiliou e acreditou em mim, mesmo quando parecia que ia ser uma tarefa difícil, não deixou de me ajudar. No decorrer dos anos de estágio sempre me ensinava coisas novas e, pacientemente, sempre sendo uma excelente orientadora, mesmo eu sendo uma pessoa de vez enquanto cabeça dura, e que acabo querendo colocar a carroça na frente dos bois. Mas sempre me fez enxergar minha potencialidade e me incentivou do início ao fim no curso. A senhora é uma brilhante professora, que eu admiro muito como profissional e pessoa.

Dedico também um agradecimento enorme aos professores que fizeram parte dessa caminhada, professores Júlio, Loriza, Maira, Matheus, Leila, Ernesto, Marlene, Dulce, Bertin e a tantos outros que fizeram parte dessa caminhada e que deixaram ensinamentos importantes em minha vida seja acadêmica ou pessoal. Em especial a prof.^a. Dr. Rosiclér que sempre me incentivou a continuar meu foco de pesquisa, mesmo sendo diferente do foco em comum de pesquisa do curso e que sempre foi uma excelente professora.

Agradeço as amigas que fiz no decorrer do curso, Ana Claudia, Anna Julia, Giovanna Veyda, Karol e Lourrany, todas tiveram uma parte importante na minha trajetória, momentos que precisava de auxílio e apoio, dificuldades de matérias passadas juntos e claro altas risadas, levarei todas para minha vida extra curso.

Agradeço aos colegas que fizeram parte dessa jornada também, Leticia, Giovanna Scorsi, Flavio, Domingos, João Henrique, Elisa, Raquel, Leonardo, Milena, Ronilson, Juliana, Isabella, Patrick, Marciel, Lara, Igor, Vitoria, Claudete, Nadla e tantos outros que tive o prazer de estudar junto e dividir conhecimento e conversas.

Agradeço a minha eterna coordenadora de estágio, prof.^a. Dr. Nicali Bleyer dos Santos, que me acolheu como um estudante, e me ensinou diversos conhecimentos, e me tornou um

profissional melhor, me auxiliando a como lidar melhor com as pessoas. Uma excelente profissional e pessoa inspiradora.

Agradeço a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), pelo espaço de estudo e aprendizagem, também ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), que proporcionou o espaço e profissionais para a minha aprendizagem. Agradeço também ao Instituto do Tropic Subúmido (ITS) que me abrigou como estagiário, e me proporcionou uma experiência que levarei para minha carreira profissional e vida pessoal.

Agradeço aos amigos e colegas de trabalho que fiz no estágio, Santíssima, Levy, Marcus, Rebeca, Katia, Elen, Rubens, Simone, Artemis, Romulo e tantos outros. Compartilhando seus conhecimentos e vivências, alegrando meus dias por quase dois anos, fazendo parte de uma etapa tão importante na minha vida, que guardo com carinho na mente.

Agradeço a Banca por aceitar avaliar o meu trabalho, disponibilizando seu tempo e que considero ter sido a melhor escolha possível para compor a avaliação.

Resumo

Este TCC apresenta a pesquisa feita sobre arqueologia no âmbito de museus, com enfoque na seção de arqueologia da exposição do Museu de História Natural do Memorial do Cerrado. A pesquisa teve como objetivo analisar a contribuição desta exposição de arqueologia no entendimento sobre o passado das culturas humanas que se estabeleceram no Cerrado. Investigando a compreensão dos visitantes escolares sobre o conteúdo da seção arqueológica. Visando conhecer o nível de informação chegada às escolas sobre a arqueologia do estado de Goiás e se a seção de arqueologia está trabalhando no sentido de acrescentar novo conteúdo sobre este assunto ou apenas está validando o conhecimento já visto em sala de aula e por outras fontes. Como o foco da pesquisa é a temática da arqueologia, foi também avaliada a contribuição da Oficina de Escavação arqueológica realizada no percurso externo da visita. Para esta pesquisa foram feitos levantamentos em material bibliográfico que pudesse contribuir com a compreensão da temática arqueológica em museus e, para a produção de análise qualitativa da pesquisa, assim, optou-se pela observação participante e coleta de dados por formulário. Por esses instrumentos, foi possível avaliar o conhecimento dos alunos visitantes sobre a Arqueologia no Cerrado, e fazer reflexões que pudessem contribuir com a comunicação da arqueologia no Memorial do Cerrado e em outros museus.

Palavras-Chaves: Arqueologia; Museu; Memorial do Cerrado; Museu de História Natural; Cultura Material; Bioma Cerrado

Abstract

This final course work presents research carried out on archeology within museums, focusing on the archeology section of the exhibition at the Cerrado Memorial Natural History Museum. The research aimed to analyze the contribution of this archeology exhibition on understanding the past of human cultures that established themselves in the Cerrado. Investigating school visitors' understanding of the contents of the archaeological section. Aiming to understand the level of information reaching schools about archeology in the state of Goiás and whether the archeology section is working to add new content on this subject or is just validating the knowledge already seen in the classroom and through other sources. Since the focus of the research is the theme of archeology, the contribution of the Archaeological Excavation Workshop carried out on the external route of the visit was also evaluated. For this research, bibliographical material was collected that could contribute to the understanding of archaeological themes in museums and, for the production of qualitative analysis of the research, we opted for participant observation and data collection using a form. Using these instruments, it was possible to evaluate the knowledge of visiting students about Archeology in the Cerrado, and make reflections that could contribute to the communication of archeology at the Memorial do Cerrado and in other museums.

Keywords: Archaeology; Museum; Memorial do Cerrado; Natural History Museum; Material Culture; Cerrado Biome

Lista de figuras

Figura 1: Vitrine 1 com materiais Líticos, Cerâmico e orgânicos. Foto: Gabriel Duarte.	19
Figura 2: Painéis de arte rupestre na seção de arqueologia, Museu de História Natural. Foto: Gabriel Duarte.....	19
Figura 3: Vitrine 2 Vaso cerâmico da tradição Aratu. Foto: Rebeca Jerônimo.	20
Figura 4: Vitrine 3 Sítio arqueológico representativo e camadas estratigráficas. Foto: Gabriel Duarte.	20
Figura 5: Planta ilustrativa área oficina de escavação. Croqui: Ludimília de Melo Vaz.	21
Figura 6: Área oficina de escavação. Foto: Gabriel Duarte.	22
Figura 7: Modelo da etiqueta a ser preenchida pelo participante.	23
Figura 8: Pesquisador e alunos diante do painel que inicia a seção de arqueologia da exposição, Museu de História Natural. Foto: Levy Silvério.	41
Figura 9: Alunos e pesquisador na monitoria visualizando painel da arte rupestre. Foto: Levy Silvério.	55
Figura 10: Alunos e professor realizando a oficina de escavação arqueológica. Foto: Gabriel Duarte.	57
Figura 11 e 12: Registro das alunas na Oficina de Escavação. Fotos: Anna Júllia Rigo Sperotto.	57

Lista de gráficos

Gráfico 1: Avaliação do(a) Professor(a).....	46
Gráfico 2: Avaliação do(a) Aluno(a).	47

Lista de tabelas

Tabela 1. Relação entre categoria e as perguntas do formulário dos Professores.....	48
Tabela 2. Relação entre categoria e as perguntas do formulário dos Alunos.	51

Lista de quadros

Quadro 1. Informações das etiquetas dos artefatos, Seção de arqueologia, vitrine 1.....	16
-----------------------------------------------------------------------------------------	----

Sumário

Introdução.....	12
Capítulo I – Museus e Arqueologia	14
Capítulo II – Embasamentos teóricos e metodológicos	28
Capítulo III – Elaboração e Análise de Dados	40
Conclusão	59
Referências.....	63

Introdução

A motivação para a pesquisa desenvolvida neste Trabalho de Conclusão de Curso 2 – TCC2 – vem da vivência durante dois anos como monitor no Memorial do Cerrado. Sendo o Memorial do Cerrado o espaço de visitação do Instituto do Tropicó Subúmido (ITS) localizado no Campus II da PUC Goiás, que comporta o Museu de História Natural (MHN), e outras quatro áreas que representam contextos espaciais de referência da história de formação do povo goiano, sendo elas a Vila de Santa Luzia, Fazenda Pedro Baraúnas, Quilombo e Aldeia Timbira, todas cenográficas. O foco de pesquisa do TCC será o Museu de História Natural, onde há uma seção voltada para a arqueologia e sobre a oficina de escavação.

Em sua grande maioria, o público do Memorial do Cerrado é composto por escolas do ensino médio, e eventualmente alunos e professores da PUC Goiás ou de outras instituições de ensino superior que agendam suas visitas e são acompanhados por monitores. Um outro público, chamado de visitante avulso, são as famílias e turistas que fazem o passeio pelo espaço museal sem o acompanhamento do monitor.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a contribuição destas exposições de arqueologia no entendimento sobre o passado das culturas humanas que se estabeleceram no Cerrado. Para alcançar este entendimento foram formulados os objetivos específicos: a) investigar a compreensão dos visitantes escolares sobre o conteúdo da seção de arqueológica; b) pesquisar por meio de formulários e observação participante o nível de informação que chega aos visitantes escolares sobre a seção de arqueologia; c) avaliar se os recursos de comunicação que apresentam a arqueologia no cerrado está contribuindo para acrescentar novos conteúdos sobre este assunto ou apenas está validando o conhecimento já visto em sala de aula e por outras fontes.

Como ponto de partida, o objeto da pesquisa, caracterizada pela seção de arqueologia e a oficina de escavação, foi contextualizado no capítulo I, que buscou narrar a formação do Memorial do Cerrado e das suas estruturas.

No capítulo dois foram apresentadas as bibliografias relacionadas a arqueologia, museus arqueológicos e cultura material, para embasar esse trabalho, e compreender qual a influência

dos objetos materiais do período pré-colonial¹ na atualidade, como eles são percebidos no cotidiano, sua importância no contexto museal e na formação dos visitantes/estudantes sobre a compreensão do período pré-colonial do Cerrado, através da arqueologia. Também foram feitas algumas considerações importantes sobre a pesquisa qualitativa proposta para esta análise, que deram as diretrizes para o seu desenvolvimento.

As análises foram apresentadas no capítulo III, buscando alcançar os objetivos da pesquisa, referente a seção de arqueologia e a oficina de escavação de arqueologia. Como técnica de investigação foram usados formulários e a observação participante, que buscaram avaliar a receptividade da exposição de arqueológica. Por fim, foram levantadas as considerações finais sobre o resultado da pesquisa.

¹ Termo utilizado no âmbito da arqueologia para a época antes da colonização Europeia, sendo utilizado para substituir o termo “pré-história”.

Capítulo I – Museus e Arqueologia

Fundado em 1992, o Instituto do Trópico Subúmido (ITS) é um órgão setorial da Universidade Católica de Goiás que tem o intuito de abordar o Cerrado em toda sua plenitude, tanto nos seus aspectos físicos, como bióticos e culturais. Em setembro de 1999 foi inaugurado o Memorial do Cerrado Pe. Pereira, um complexo cultural científico que integra o ITS, no início constituído de dois espaços, o Museu de História Natural (MHN) e a Vila Cenográfica. Altair Sales Barbosa foi o idealizador desse complexo, auxiliado por uma equipe que atuou na fundação e continuação do ITS e da formação das unidades que compõem o Memorial do Cerrado como encontram-se atualmente, exercendo função educativa, cultural e científica (Instituto do Trópico Subúmido – Folder, 2006). As instalações complementares da Fazenda Colonial, Aldeia Indígena e Quilombo foram integradas ao espaço de em 2005. (Instituto do Trópico Subúmido – Guia de visitação, Memorial do Cerrado Pe. Pereira, 2005).

Criado para ser um espaço de visitação, o Memorial do Cerrado, com 25 anos de idade, recebe continuamente centenas de estudantes semanalmente, contando também com visitantes avulsos de familiares, turistas, grupos corporativos e a comunidade interna da PUC Goiás.

Estas unidades são caracterizadas por serem cenográficas, ou seja, buscam recompor as estruturas e os cenários dos séculos XVIII e XIX no período de formação da sociedade nacional em especial, aquelas que se estabeleceram no Cerrado.

O Museu de História Natural, por sua vez, compõe-se de materiais decorrentes de pesquisas das ciências naturais, sendo rochas, fósseis, animais taxidermizados, exsicatas², e objetos culturais, como artefatos arqueológicos, indígenas e quilombolas. Outros materiais que completam os acervos são réplicas, instalações e painéis informativos e ilustrativos, que contribuem para a elaboração da exposição. Esta se dividiu em duas temáticas: “A Vida na Terra” e “A Vida no Cerrado” que será descrito a seguir.

A primeira temática, começa com dois fatores importantes, o Big Bang, e as Eras geológicas da Terra mostrando todos os períodos, posterior a primeira vida na Terra, a bactéria. Na sequência vem a era paleozoica, que apresenta a vida na água surgindo em grande escala,

² Exsicata é uma amostra de planta seca e prensada numa estufa (herborizada), fixada em uma cartolina ou papel de tamanho padrão acompanhadas de uma etiqueta ou rótulo contendo informações sobre o vegetal e o local de coleta para fins de estudo botânico. Disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/exsicata/> Acessado em 16/12/2024

conhecido como explosão cambriana. Posteriormente, vem o surgimento dos anfíbios saindo do ambiente aquático para o terrestre, no período Carbonífero, que foi um marco de transição entre as eras Paleozoica e Mesozoica. Na sequência, encontram-se a Era Mesozoica e os animais que surgem e vive nela, no caso grandes reptéis, os dinossauros, junto vem alguns fósseis de peixes da região do Araripe - CE, e alguns insetos demonstrando o marco do surgimento das plantas angiospermas; o surgimento das aves, o marco do final da era Mesozoica que foi a extinção em massa dos dinossauros, e sobrevivência de algumas espécies como no caso dos roedores que vão se adaptar e evoluir a espécies de mamíferos, que já viveram ou vivem na Terra, ainda nesse mesmo corredor se inicia a era Cenozoica, que se vem com o surgimento e domínio dos mamíferos na terra, com várias espécies de mamíferos, como de primatas, animais da megafauna (apresentando partes fósseis de *Eremotherium* e do *Gliptodonte*)³ e mamíferos de médio ou grande porte atuais.

A segunda temática apresentada no Museu de História Natural é “A Vida no Cerrado”. As seções começam com a importância da água no bioma Cerrado, e na sequência a seção de arqueologia que fala sobre os primeiros humanos a chegar no Cerrado e os vestígios deixados na pré-colonização; animais nativos do bioma Cerrado; Rochas e mineiras que podem ser encontradas dentro do bioma; os povos indígenas e povos tradicionais do Cerrado; a flora e a importância dos insetos na dispersão das sementes; produções artesanais e manifestações culturais quilombolas; artefatos e modos de fazer de diferentes povos indígenas do Cerrado e, por fim, um espaço que comporta exposições temporárias com temáticas diversas.

Contendo inicialmente nome de etnias que vivem no bioma Cerrado, alguns armamentos utilizados na hora da caça, mais ao centro um painel informando sobre a planta Buriti, e ao lado em um canto, alguns insetos e sementes crioulas, seguindo se tem artefatos indígenas e registros em fotos e desenhos de etnias indígenas, sendo parte do acervo feito por W. Jesco Von Puttkamer, por fim um espaço dedicado a exposições temporárias.

Como visto, a Seção de Arqueologia, que é interesse deste TCC, integra o Museu de História Natural dentro da narrativa da temática *A Vida no Cerrado*. Para melhor compreender esta seção, ela será descrita a seguir.

³ Correspondem a ossos de preguiça gigante e calda de tatu gigante, respectivamente.

A Seção de Arqueologia tem início com a exibição do painel inicial *Arqueologia no Cerrado*, este traz informações sobre como a pesquisa arqueológica auxilia na interpretação dos vestígios do passado pré-coloniais e na identificação de sítios arqueológicos que, conforme o texto, são “lugares onde pessoas moravam ou acampavam e deixaram vestígios materiais da sua presença” (Painel 1 – seção de Arqueologia, em anexo), tem mostrado que a presença humana no Cerrado recua a 25 mil anos.

O segundo painel, se encontrando na parte direita, corresponde reprodução de fotos em grande escala de pinturas e gravuras rupestres identificadas em sítios de abrigos rochosos em Goiás. As pinturas rupestres apresentadas por imagens do paredão são de Serranópolis, figuras encontradas no sítio arqueológico GO-JA 01 e GO-JA 16, acompanhado por um texto que diferencia as técnicas de elaboração da arte rupestre, falando sobre as composições dos elementos de pigmentação usados nas pinturas, considerando a antiguidade da arte rupestre enquanto importante para a identificação dos vestígios mais antigos em Goiás.

Na parte esquerda, há artefatos arqueológicos expostos em vitrines. Na primeira vitrine (figura 1), encontram-se vinte e três ferramentas líticas, numeradas na etiqueta que acompanha as peças de 1 a 16, sendo elas, dez planos convexos (1, 2 e 5), nove em arenito silicificado e um em ónix; duas ponta de projéteis (3 e 4), uma em arenito e outra em quartzo; três peças de adornos (6 ao 8), sendo elas colares confeccionados com conchas, ossos e sementes; oito lâminas de machados polidos (9 ao 11), um com marcas de encabamento; uma cavadeira manual de rocha polida (12); dois recipientes de cerâmicas (13 e 14); uma inteira e outra fragmentada; uma rodela de fuso de rocha polida (15) e um pilão de pedra (16). As etiquetas trazem as seguintes informações: tipo do artefato, matéria-prima, sítio arqueológico, cidade e estado de procedência. No entanto nem todos os dados estão sempre presentes. Informações como matéria-prima, nome do sítio e do projeto arqueológico em que foi encontrada a peça, algumas vezes está ausente. O quadro a seguir apresenta as informações das etiquetas correspondentes aos artefatos arqueológicos.

Quadro 1. Informações das etiquetas dos artefatos, Seção de arqueologia, vitrine 1.

<p>1 - Instrumentos plano-convexo de arenito silicificado (2 peças). Sítio Arqueológico GO-JA-03, Projeto Paranaíba, Jataí-GO</p>	<p>9 - Lâmia de machado polida. Fazenda Dois Irmãos, Ipameri-GO</p>
<p>2 - Instrumento plano-convexo de ónix. Coletado em área rural, Correntina-BA</p>	<p>10 - Lâmina de machado polida com marcas de encabamento. Fazenda Água Limpa-GO</p>

3 - Ponta de projétil de quartzo. Coletado em área rural, Barro Alto-GO	11 - Lâminas de machados polidos (6 peças). Coletado em área rural, Jataí-GO
4 - Ponta de projétil de arenito silicificado. Coletado em área rural, Correntina-BA	12 - Cavadeira manual de pedra polida. Coletado em área rural, Jataí-GO
5 - Instrumentos planos-convexos de arenito silicificado (7 peças). Coletados em área rural, Jataí-GO	13 - Recipiente de cerâmica com decoração plástica. Projeto Serra Geral-GO
6 - Colar de conchas. Coletado em área rural, Jataí-GO	14 - Recipiente de cerâmica. Coletado em área rural, Jataí-GO
7 - Colar de ossos de aves. Coletado em área rural, Jataí-GO	15 - Rodela de fuso de rocha. Sem procedência
8 - Colar de sementes de capim. Coletado em área rural, Jataí-GO	16 - Pilão de pedra. Coletado em área rural, Jataí-GO

Acima da vitrine estão dois textos: *Primeiras populações humanas no Cerrado*, que traz informações sobre a faixa temporal obtida para as primeiras ocupações entre o final do Pleistoceno e início do Holoceno⁴ nos sítios arqueológicos dos municípios de Serranópolis, Caiapônia e bacia do Paranã, na região do planalto central, onde há semelhanças tecnoculturais que podem indicar alguns vínculos entre os grupos humanos deste período. E o segundo texto *Fazendo cerâmicas*, está voltado para a confecção de cerâmica, explicando que a argila é o material utilizado para produzir vasos cerâmicos de diferentes formas e funções, servindo para práticas culturais como o preparo do alimento ou o sepultamento dos mortos.

A segunda vitrine de artefatos contém um vaso cerâmico (figura 2), que foi utilizado como urna funerária. Para este vaso não há texto explicativo, apenas a etiqueta que traz as seguintes informações: “Recipiente cerâmico usado como urna funerária. Região de Serra da Mesa-GO”. Informações complementares precisam ser dadas pelo monitor, que explica que o vaso foi escavado com resíduos de ossos encontrado dentro de seu interior, demonstrando que se tratava de uma urna funerária, e a análise do vaso demonstra resíduos de fuligem na superfície externa, indicando que anteriormente era utilizado para cozinhar alimentos.

⁴ Conforme o texto correspondente à primeira vitrine, período entre 12 e 10 mil A.P.

Por fim, uma última vitrine (figura 3) reproduz um sítio arqueológico mostrando através do vidro as camadas estratigráficas e vários materiais arqueológicos. A camada superficial apresenta fogueira, fragmentos de rochas, material conchífero, líticos, cerâmicas, minerais e ossos. Junto a esta vitrine está o texto *A contagem do tempo nas camadas do solo* informando sobre a formação estratigráfica e a sua importância para a arqueologia. O texto destaca que “as camadas mais antigas são aquelas mais profundas” aplicando o princípio da sobreposição. Além do conteúdo transmitido pelas vitrines e pelas informações textuais e visuais, os monitores complementam conforme a curiosidade dos visitantes explicando sobre o uso dos instrumentos de corte planos convexos e outros líticos, explicando a funcionalidade desses materiais. Sobre como é feita a escavação por quadriculamento da área a ser escavada para a coleta de vestígios materiais encontrados, e também a observação da estratigrafia por meio do perfil, identificando as camadas de coloração e texturas variadas, neste momento é explicado também que o solo antrópico deriva da deposição de matéria orgânica e devido a utilização de fogueiras deixando uma deposição de tamanho variado de carvão na camada.

Terminada a visita ao Museu de História Natural, os visitantes seguem para outros espaços conforme já citado acima. Existem dois locais onde se desenvolvem atividades lúdicas, o Espaço de Arte e Educação, conduzido por arte-educadores da educação física, e a Oficina de Escavação. Esta segunda está diretamente ligada à seção de Arqueologia por abordar a escavação arqueológica e dentro do circuito de visitação, ela fica entre a unidade cenográfica da Fazenda Pedro Baraúnas e o Quilombo. Deve-se destacar que a oficina de escavação é realizada apenas quando solicitado pela escola. Uma vez que, ao ser agendada a visita, o professor pode escolher entre algumas atividades específicas, tais como a oficina de escavação e a trilha sensorial, ou optar em fazer apenas a visita às unidades musealizadas. Sendo assim, não são todas as escolas que realizam esta atividade lúdica.

A oficina está articulada com a seção de arqueologia do Museu de História Natural, onde são tratados diversos assuntos sobre o período pré-colonial, tais como, sítios arqueológicos, técnica de escavação e estratigrafia, a relação dos humanos com o meio ambiente, a produção e uso de artefatos, expressões simbólicas. Na oficina de escavação alguns destas técnicas serão vistas na prática.

Figura 1: Vitrine 1 com materiais Líticos, Cerâmico e orgânicos. Foto: Gabriel Duarte.



Figura 2: Painéis de arte rupestre na seção de arqueologia, Museu de História Natural. Foto: Gabriel Duarte.



Figura 3: Vitrine 2 Vaso cerâmico da tradição Aratu. Foto: Rebeca Jerônimo.

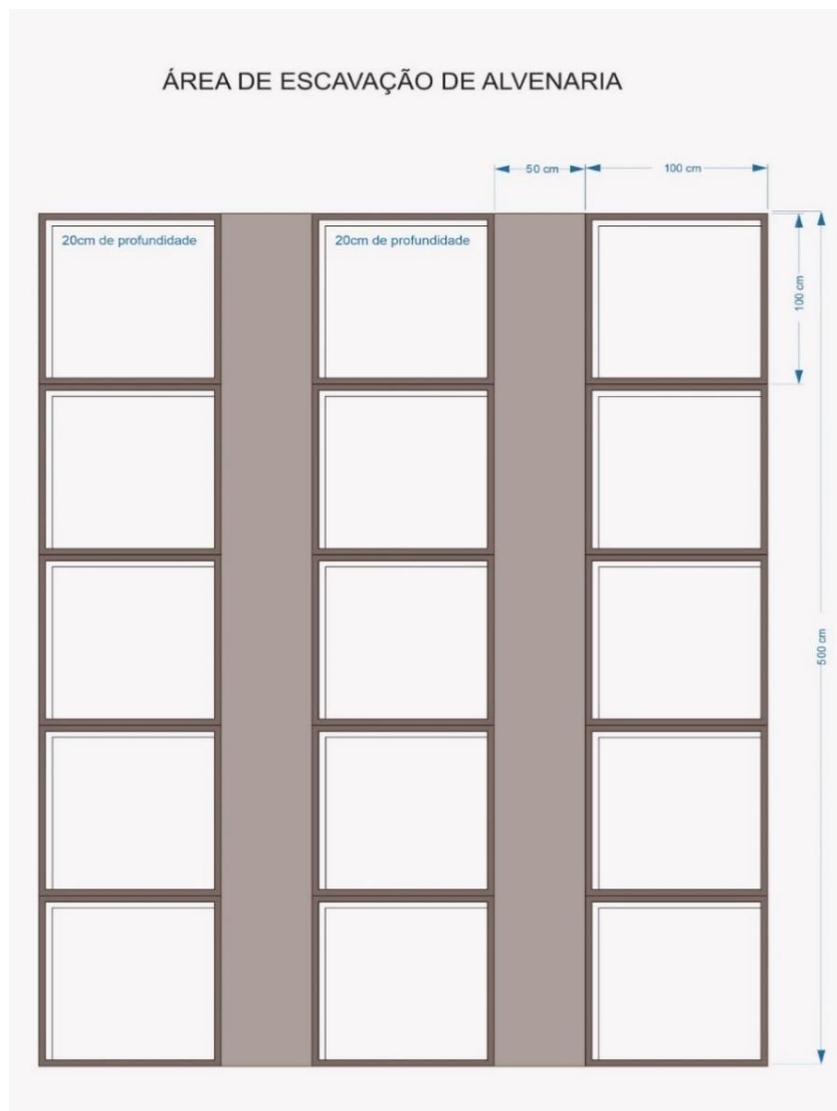


Figura 4: Vitrine 3 Sítio arqueológico representativo e camadas estratigráficas. Foto: Gabriel Duarte.



Para a realização da oficina foram construídos de alvenaria (tijolos e cimento) três trincheiras com cinco quadrículas de 1m² cada e profundidade de 20 cm que foram preenchidas de areia. As quadrículas foram identificadas com as siglas alfanuméricas: A1, A2, A3... B1, B2, B3... C1, C2, C3... (Veja layout das trincheiras de escavação na figura 4). Após a estrutura pronta, os materiais arqueológicos foram enterrados na areia de forma aleatória. Os artefatos usados foram: líticos lascados, fragmentos cerâmicos, conchas de caramujo (representando restos alimentares), ossos limpos de animais (representando a caça).

Figura 5: Planta ilustrativa área oficina de escavação. Croqui: Ludimília de Melo Vaz.



São disponibilizados os materiais para cada participante realizar a escavação, sendo, balde, peneira, pincel ou colher de pedreiro, pá de lixo, prancheta, lápis, régua, etiquetas e papel quadriculado para desenhos e anotações.

Figura 6: Área oficina de escavação. Foto: Gabriel Duarte.



Ao chegar na oficina de escavação, os participantes recebem orientações, conforme está apresentado no material de orientação para os monitores, que corresponde às seguintes instruções:

A escavação é a principal atividade do arqueólogo. O arqueólogo é o profissional que busca compreender a história das sociedades antigas por meio dos vestígios abandonados. Estes vestígios podem ser acampamentos ou aldeias de moradias, pode ser também um lugar onde grupos de pessoas estiveram uma ou várias vezes fazendo alguma atividade, por exemplo, instrumentos e utensílios úteis no seu dia a dia, se aquecendo em torno de fogueiras, enterrando seus mortos. Estes locais são chamados pelo arqueólogo de sítio arqueológico, aqui onde vocês vão escavar, vocês vão encontrar artefatos pré-coloniais, quer dizer, artefatos feitos pelos povos originários, que já estavam vivendo no Cerrado antes do colonizador português chegar.

Nas aldeias ou locais de moradia abandonados não vamos encontrar mais as casas ou cabanas, porque, tudo já desapareceu, foi se degradando ao longo do tempo. No entanto, alguns vestígios não desaparecem, como por exemplo, aqueles feitos de rocha ou de cerâmica, os ossos de animais caçados, os carvões e cinzas das fogueiras.

Vamos trabalhar como arqueólogos nesta oficina de escavação, buscando encontrar os artefatos dos povos antigos na área de escavação. Em uma área de escavação, cada quadrícula mede 1 x 1m e é muito importante saber em que quadrícula cada artefato foi encontrado.

(Neste momento o monitor pode realizar os procedimentos enquanto explica a atividade).

Vocês vão receber um pincel ou pá de pedreiro para raspar a terra com cuidado retirando uma fina camada de areia para dentro da pá, esta areia será despejada sobre a peneira que vai cair dentro do balde. Fazendo assim, será possível encontrar os artefatos dentro da peneira. Cada vez que você encontrar um artefato você deve parar de escava e fazer

o desenho do objeto e anotar todas as informações na etiqueta. (ITS, OFICINA DE ESCAVAÇÃO, 2023).

Para realizar o registro da peça escavada, cada aluno recebe uma prancheta com lápis, papel quadriculado, régua e etiqueta para ser preenchida (figura 5). Depois de preencher a etiqueta, o participante vai colocar o material com a etiqueta sobre mureta da escavação. O nível em que o artefato foi encontrado poderá ser medido com a régua ou metro, que pode ser disponibilizado também.

Depois de preencher a etiqueta e fazer o desenho da peça, o participante pode continuar a escavar. É importante fazer referência às explicações fornecidas pelo(a) monitor(a) dentro do museu, do tipo: quanto mais profundo for encontrado os artefatos, mais antigo eles vão ser.

Figura 7: Modelo da etiqueta a ser preenchida pelo participante.

Etiqueta	
Sítio Memorial do Cerrado	
Quadrícula: _____	Nível: _____
Material: _____	
Pesquisador Mirim: _____	
Data: _____	

Segundo as informações fornecidas pelo material de apoio ao monitor, sugere-se que:

É importante que o monitor(a) estimule a observação com perguntas tais como: que tipo de artefato você encontrou? De que material ele foi feito? Qual a função desse artefato? Como que você acha que estas pessoas viviam no passado? O monitor(a) deve buscar escutar e responder as dúvidas ou curiosidades dos participantes. Depois de os participantes identificarem alguns artefatos, o monitor deve solicitar que todos os equipamentos sejam deixados dentro das quadrículas, a fim de que os equipamentos não fiquem espalhados e logo após encerrar a atividade. (ITS, OFICINA DE ESCAVAÇÃO, 2023).

Ao término da atividade os alunos continuam a visita às outras unidades. Assim, esta oficina que fica fora do MHN ainda constitui uma retomada de alguns assuntos tratados na Seção de Arqueologia.

Deve-se destacar que os objetos arqueológicos que são apresentados na Seção de Arqueologia e bem como os da Oficina de Escavação encontravam-se em contexto

arqueológico. Os que estão no MHN eram decorrentes de coletas em sítios arqueológicos decorrentes de pesquisas coordenadas por Altair Sales. Segundo depoimento pessoal dado pelo Prof. Roberto Malheiros que esteve em campo com o arqueólogo coordenador, muitos artefatos eram doados à equipe ao saber do seu interesse pelos vestígios pré-coloniais e por isso a pouca ou nenhuma referência à procedência dos artefatos. Artefatos sem procedência tem pouca ou nenhuma relevância para as análises arqueológicas por estarem descontextualizados e impedirem a ligação do mesmo a uma rede de informações necessária para a interpretação arqueológica (LEROI-GOURHAN, 1981).

Sendo assim, todas as peças utilizadas na área de escavação são didáticas e procedem de coletas sem procedência obtidas por doações. Enquanto as peças que estão na exposição eram aquelas que já se encontravam inseridas no museu, mas que com a remodelação da exposição entre 2020 a 2022, foram ampliadas por peças cedidas pelo IGPA, a partir de solicitação de empréstimo intrainstitucional.⁵

Considera-se neste sentido, a importância da participação do curso de arqueologia na comunicação do MHN com público.

A importância das ciências, o apoio intensivo às pesquisas arqueológicas, a constituição da Antropologia Física e da Arqueologia Pré-Histórica em disciplinas, a organização de sociedades científicas específicas e de congressos internacionais marcaram, a partir da segunda metade do século XIX, uma ruptura, que proporcionou aos museus de Arqueologia um caminho próprio no universo museológico (BRUNO, 1996, p. 299).

Para abordar este assunto, será necessário compreender como os objetos arqueológicos dentro do museu têm ajudado a construir referências sobre o passado em diversos contextos na vida das pessoas que por ali passam.

Museus e Arqueologia em Goiás

Em Goiânia, podem ser citados alguns museus onde as exposições abordam a arqueologia. Primeiramente, o Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, em sua exposição permanente denominada *Lavra e Louvores* há uma seção onde são apresentados

⁵ Informações cedidas pela Profa. Ludimília Justino de Melo Vaz que realizou, ao lado da Profa. Leila Miguel Fraga e coordenação da Profa. Nicali Bleyer, a remodelação da seção de arqueologia

achados arqueológicos tais como esqueleto humano em um bloco de terra, pontas de projeteis lascadas, blocos com vestígios de pintura rupestre, reconstituição de uma fogueira com vestígios líticos, além de outros objetos recuperados em contexto histórico. Os objetos colocados em vitrines são acompanhados por etiquetas com informações de procedência contextualizados pela narrativa sobre povos indígenas. Também, na sala de exposição do IPHAN em Goiânia, esteve a *Mostra Goiás: 11 mil anos* que apresentou objetos pré-coloniais e históricos selecionados para falar da longa história de Goiás por meio dos artefatos, textos e imagens. Pode-se ainda citar o Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga que também apresenta peças arqueológicas, mas estas não estão contextualizadas. A partir desse quadro, percebe-se que existem informações disponíveis sobre a arqueologia de Goiás nos museus locais.

Estas exposições sobre Arqueologia em museus estão contribuindo para alinhar o conhecimento arqueológico sobre o período pré-colonial ao entendimento do público a partir dos artefatos e das seções museológicas de arqueologia.

Sobre a arqueologia na região de Goiás, existe o curso voltado para a área e que forma profissionais que tem realizado estudos na própria região, e obtendo resultados positivos, seja da arqueologia pré-colonial ou histórica. As pesquisas arqueológicas no estado de Goiás têm desenvolvido um arcabouço de conhecimentos sobre o passado, sendo necessário a transmissão para a comunidade, por meio de artefatos, pinturas rupestres e até mesmo das formas de como o arqueólogo escava, de modo que seja feita uma construção de interesse entre o arqueólogo, o museu e o público. Sendo o museu arqueológico “um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (HORTA, *et al.* 1999), sendo assim, é constante a necessidade de envolver ainda mais a formação e instrumentalização técnica para esses espaços e objetos, a fim de trazer novamente vida para os objetos ali exposto. São esses resultados de pesquisa que vem sendo apresentados nas coleções arqueológicas, ou em alguns casos, objetos fruto de colecionismos das coletas aleatórias feitas por curiosos ou autodidatas. Então, pergunta-se, como os visitantes estão compreendendo/absorvendo esse conteúdo arqueológico que está sendo criado pelos museus? Antes de discutir as dificuldades do museu arqueológico de estabelecer um diálogo com o público, é preciso definir o que é um museu arqueológico e qual o seu papel.

É certo que a arqueologia contribui com a reflexão sobre o passado, por exemplo, quando se falada evolução dos hominídeos, e considerado das investigações arqueológica que

identificaram ossadas de milhares de anos semelhantes à dos humanos. No Brasil, há também, muitos achados, artefatos de rochas lascadas e vasos cerâmicos que mostram a tecnologia do passado indígena, mas também indicam os lugares ocupados por essas populações. Assim também é a contribuição de exposições de arqueologia na reflexão sobre o passado.

Jugando necessário uma vinculação com e para o público, é preciso juntar informações de pesquisas feitas sobre os conjuntos arqueológicos da região de Goiás e do cerrado, e buscar mostrar um viés de informações que sejam referências sobre o passado para que o público visitante usuário dos Museus em que tais artefatos estejam expostos.

Se as coleções arqueológicas contam a história do passado a partir de coleções aleatórias, fruto de colecionadores e autodidatas, e não de coleções científicas, então se conclui que pouco se tem aprendido sobre o passado nas exposições utilizando estes artefatos. É preciso avaliar de onde partem as coleções expostas, se os textos contribuem para compreensão dos contextos, se contribuem com a história. As exposições também precisam ser científicas para dar uma noção mais exata do passado arqueológico.

Quando se faz uma pesquisa arqueológica, um dos procedimentos desejados é passar as informações obtidas na pesquisa para o público em geral, afinal, dentro do que se entende como pesquisa científica, deve haver um processo de divulgação para o público, que por mais que deva ter caráter científico, também deve ter um teor educacional, independente de qual seja o público. Geralmente o arqueólogo faz esta devolutiva na área que está sendo atingida pela pesquisa arqueológica. Porém, algumas devolutivas de pesquisa são feitas somente no âmbito acadêmico, em comunicações, em eventos de graduação e de pós-graduação. Nestes casos, não atinge o público em geral que fica escasso de informação. É aí que entra os museus arqueológicos, para atender uma ampla gama de grupos que comumente não recebem tais informações científicas ou as recebem de forma pouco acessível provocando um certo desinteresse habitual, por serem informações maçantes para as pessoas que não tem a base ou informações necessárias para o entendimento daquela pesquisa.

Sendo assim, o museu tem essa tarefa de “traduzir” essas informações ao público e tendo como mediador os conjuntos arqueológicos artefatuais, que auxiliam no momento de repassar as informações escritas, pois:

Nada substituí o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e o contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. Todo um complexo sistema de relações e conexões está contido em um simples objeto de uso cotidiano, uma edificação, um conjunto de habitações, uma cidade, uma paisagem, uma

manifestação popular, festiva ou religiosa, ou até mesmo em um pequeno fragmento de cerâmica originário de um sítio arqueológico.” (HORTA, *et al.* 1999, p. 7).

Com isso, os objetos junto com os textos, etiquetas e outros elementos devem representar todo um contexto de relações sociais e históricas. A relação do público com o objeto deve ser de aprendizagem. Gonçalves (2005) compreende que duas perguntas devem ser feitas sobre o conhecimento que está sendo transmitido pelos museus, sendo elas: “que tipo de conhecimento transmitem os museus? O que significa ‘ver’ uma cultura e ‘entendê-la’ olhando objetos?” (GONÇALVES, 2005, p. 51).

Afinal qual seria a finalidade de um museu arqueológico? Uma das respostas poderia ser de educação patrimonial, “Ações destinadas a proporcionar à comunidade os meios para participar, em todos os níveis, do processo educacional, de modo a garantir que a apreensão de outros conteúdos culturais se faça a partir dos valores próprios da comunidade.” (IPHAN, 2014, p. 10).

Estes questionamentos despertam interesses não só sobre a informação que a arqueologia pode fornecer, mas também sobre o que se pode aprender com outras culturas. Isto é mais que informar ou comunicar, mas também, dar meios para a reflexão para que as pessoas em seu contexto cultural possam apreender sobre outra cultura.

Capítulo II – Embasamentos teóricos e metodológicos

Considerando que este TCC tem como objetivo analisar a contribuição da seção de arqueologia do MHN do ITS para a compreensão das culturas pré-coloniais que se estabeleceram no Cerrado, foram feitos levantamentos em fontes que aproximam a arqueologia da museologia para entender melhor esse campo. Segundo a museóloga e arqueóloga Cristina Bruno diz que:

As coleções arqueológicas estão na gênese da história dos museus. Amparados em alguns séculos de investigação e interesse pelo passado, pelo exótico e pelo diferente, esses acervos foram constituídos, de uma certa forma, para diminuir a distância entre as sociedades que vivem em tempos distintos (BRUNO, 1996; p. 293).

Uma das principais reflexões sobre como definir uma exposição arqueológica, tem como principal ponto a cultura material⁶. Deve-se considerar que os objetos das exposições históricas, antropológicas, da cultura popular, entre outras, podem utilizar-se das materialidades do passado. Sendo assim, não se define aquilo que é arqueológico pela sua antiguidade. Se o que define o trabalho arqueológico são seus métodos, então os objetos decorrentes deste é que podem ser compreendidos como cultura material da arqueologia.

O conhecimento arqueológico é principalmente produzido por investigação a partir da cultura material identificada na pesquisa de campo, buscando a produção de dados, que se difere de algumas outras ciências pois esses dados vêm de uma interpretação dos arqueólogos que escavam os sítios, analisam os materiais encontrados e, muitas vezes também, usam fontes etnográficas para estabelecer analogias com os vestígios arqueológicos. Assim: “Uma teoria arqueológica não tem sentido algum se não estiver ligada a prática, da mesma forma, os dados são sempre elaborados de acordo com alguma noção teórica” (COPÉ, 2008). A práxis da arqueologia busca entender a prática que envolve a pesquisa, seja de campo ou de laboratório, sendo que as duas tem seu peso e importância para o estudo e atividades arqueológicas.

Voltando para arqueologia brasileira um dos principais pontos e suas dimensões monumentais que os sítios contem, como por exemplo os sambaquis, que ocorrem ao longe de

⁶ A cultura material é definida por Bezerra de Meneses () como: “A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado. Aqui, no entanto, para simplificar, falar-se-á sobretudo do artefato, que é apenas um dos componentes – dos mais importantes, sem dúvida – da cultura material”.

costas marítimas e fluviais, e que são comuns de serem encontrados e estudados, para além dos sambaquis à também os grandes abrigos sob rochas que contém pinturas e gravuras e também existem as grandes aldeias anelares que fazem parte de um contexto regional entre o planalto centra e a floresta Amazônica, mas não fica só no pré-coloniais, contendo grandes edificações históricas como igrejas, centros históricos urbanos e grandes Fortalezas e Portos, tudo isso com uma gama gigantesca de cultura inserido em diversos contextos, sendo essa cultura material ou imaterial.

O trabalho do arqueólogo em campo, é visto como a etapa fundamental para o estudo teórico e de interpretação, além das atividades técnicas e metodológicas, “o campo significa também as relações com as comunidades locais, suas interpretações do passado e seus interesses políticos e sociais.” (COPÉ, 2008).

Inicialmente é feito a etapa de prospecção que visa fazer uma busca na área, havendo variadas maneiras de aplicar este método, sendo elas a prospecção aérea, sob a superfície e geofísica e a prospecção superficial. Com esse trabalho é possível facilitar e agilizar a investigação de grandes áreas. Nos métodos de prospecção podem ser usados até equipamentos de georreferenciamento para o auxílio e conseqüentemente uma melhor exploração da área que contribui para um melhor trabalho em campo. Posterior a essa primeira etapa, é realizada a escavação, a principal forma de produção de documentação arqueológica. Existem dois métodos principais de escavação a estratigráfica ou vertical que visa o entendimento das mudanças temporais, buscando estudar e entender a sobreposição dos níveis das camadas da geológica e a escavação espacial ou horizontal, onde a principal preocupação é observar as atividades humanas que se envolveram simultaneamente dentro de um determinado espaço, sendo as duas técnicas bastante importantes para o estudo arqueológico

Estes dois conjuntos de técnicas são na verdade as duas faces de uma mesma moeda: a compreensão do passado nas suas dimensões espaço-temporal. As técnicas de escavação não são universalmente válidas possuindo características diversas em épocas e ambientes culturais diferentes. Há três questões centrais: as técnicas não são neutras, pois derivam dos pressupostos epistemológicos e, em última análise, político-culturais subjacentes à prática arqueológica; as técnicas são diferentes tendo em vista a satisfação de objetivos diversos e objetos (tipos de sítios) diferentes. (COPÉ, 2008, p. 9).

A escavação é uma técnica sistemática que é feita dentro do quadriculamento da área que se deseja intervir. Com observação cuidadosa vai sendo retirada a terra por camadas para

identificação dos artefatos e dos ecofatos⁷. São utilizados nesta tarefa pincel e colher de pedreiro para evidenciar os vestígios, enquanto a terra é retirada e colocada em um balde para ser peneirada, separando outros vestígios que não foram detectados pela escavação (COPÉ e ROSA, 2008). Depois da escavação, tudo que foi retirado deve estar identificado por etiquetas que tem informações sobre a procedência do material, sendo levados para análises em laboratório, cada um com sua especialidade – artefatos arqueológicos, restos faunísticos e vegetais, sedimentos, carvões – muitas vezes necessitando de análises interdisciplinar.

As análises de laboratório são essenciais para o estudo e elaboração de dados. Um de seus interesses é entender o processo de criação e avanços tecnológicos humanos, tendo como exemplo a fabricação de ferramentas, e para além disso há também os registros tipológicos e cronológicos que influenciam diretamente no saber arqueológico. A análise destes objetos deve compreender como estes foram feitos e utilizados pelo homem. Mas saber se um material foi ou não feito pelo homem, nem sempre é tão óbvio. Na Europa, e também no Brasil, artefatos de rochas eram interpretados como “pedras de raio”:

As primeiras tentativas de classificação de utensílios líticos pré-históricos foram realizadas na Itália por Michele Mercati (1541-1593). No seu trabalho foram descritas “as pedras de raio” como sendo formas de machado, flechas e pontas de lança (LEROI-GOURHAN, 1981, p.219).

Segundo Copé (2008, p. 11): “Na interpretação das evidências podemos contar com a utilização da análise arqueológica propriamente dita, da analogia etnográfica e da arqueologia experimental (reviver o passado através da experimentação)”.

A análise de materiais abrange os artefatos líticos, cerâmicos e históricos, sendo todas formas de cultura material, necessitando que estejam contextualizados temporal e espacialmente para que a interpretação arqueológica possa estabelecer relações dos artefatos com o meio ambiente e cultural:

A partir do momento em que os contextos dos objetos são conhecidos eles deixam de ser completamente mudos, pois as associações que estabelecem com outros elementos fornecem as chaves para sua significação. Neste sentido, toda interpretação deste tipo de conteúdo se vê restringida pela análise do contexto (HODDER, 1986 apud COPÉ e ROSA, 2008, p.26).

⁷ Segundo Copé e Rosa (2008, p. 19), são “ecofatos: os restos vegetais (sementes, grãos, raízes, caules, frutos, madeira e carvão) estudados pela Botânica e os restos ósseos de animais estudados pela Zoologia. Os ecofatos nos contam como era a dieta alimentar dos grupos humanos estudados”.

A cultura material se torna um fascínio para o estudo arqueológico que busca, através de elementos abstratos e concretos, fontes de estudos que irão auxiliar na criação de dados, “a cultura material é constituída por significados. Não é um reflexo direto do comportamento humano, pois existem ideias, crenças e significados interpostos entre as pessoas e as coisas, estruturados em relação a processos sociais” (HODDER, 1982 apud COPÉ e ROSA, 2008), podendo conter significados que são entendidos e relacionados entre indivíduo e as “coisas” que o rodeia.

Os estudos arqueológicos para além de identificar vestígios da cultura material e sítios arqueológicos, também servem para informar e contextualizar as culturas passadas, conforme Rosa e Copé (2008), a arqueologia “*elabora todo o conhecimento sobre o modo de viver de sociedades antigas*” sendo essas informações passadas para as sociedades atuais, com o intuito de transmitir tais conhecimento, pode também levar as pessoas a saber os primeiros habitantes da região em que vive, ou sobre seus antepassados. Porém, um dos problemas é que as narrativas da arqueologia ainda não são devidamente transmitidas para a sociedade em geral, isso pode ser por causa ~~falta~~ de alguns fatores, um deles a falta de disseminação das informações, seja por meio de mídias ou por falta de espaços preparados para acolher os materiais e comunicar as informações de forma acessível para a população mais leiga sobre o assunto de arqueologia.

A aproximação entre patrimônio arqueológico e sociedade encontra, assim, no diálogo com a Museologia e com os Museus – entendidos como um dos cenários do fazer museológico – um amplo campo de possibilidades. Um campo que potencializa a abertura de nossas seleções, coleções e narrativas para os diversos segmentos da sociedade. Para que esse patrimônio “faça sentido” no presente, sendo questionado, apropriado e reapropriado por diversos atores sociais (WICHERS, 2013/2014, p.37).

Entretanto, cada vez mais estão sendo criados museus voltados para a arqueologia, ou a inclusão de materiais arqueológicos em museus, criando uma seção própria para a arqueologia dentro deles. Como por exemplo, o Museu de Arqueologia do Xingó da Universidade Federal do Sergipe, em Canindé de São Francisco, Sergipe, criado em 2002 após um programa de salvamento arqueológico na Usina Hidrelétrica de Xingó. E o Centro de Pesquisa de História

Natural e Arqueologia do Maranhão, que abriga a seção de artefatos arqueológicos, foi fundado em 2002 em São Luiz do Maranhão⁸.

Logo, a existência de um Museu arqueológico é essencial para à preservação, estudo e exibição de artefatos e vestígios de culturas antigas. Para isso é preciso de mais investimento para a criação de Museu arqueológico em locais onde exista fluxo de pesquisas arqueológicas sendo este retorno de suma importância para uma sociedade.

Assim, as exposições apresentam a cultura material das sociedades pré-coloniais e pós-coloniais e as práticas arqueológicas, algumas vezes com base em estudos interdisciplinares como a história, a antropologia e a museologia. Trazendo autores em suas respectivas áreas, para reunir informações essenciais para as características de um Museu Arqueológico temos o artigo “Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças” de Bruno (1996), segundo esta autora, os museus arqueológicos são de dois tipos – artísticos e tecnológicos.

A autora explica que museus ‘arqueológico-artísticos’ são aqueles que guardam objetos preciosos e obras de artes, tendo como diferencial a segurança necessária para suas peças de valor comercial entre colecionadores, mas que, no entanto, não têm muitas referências científicas por causa da sua procedência, são considerados semióforos⁹ (estátuas, relíquias, afrescos, quadros etc.). Os museus ‘arqueológico-tecnológicos’, preservam objetos que foram coletados como referência das atividades humanas do passado, e através das exposições são colocados à vista do público, demonstrando de forma científica valores para os vestígios diferentes daqueles que têm atributos estéticos (BRUNO, 1996). Continua explicando que estes tipos de museus seriam resultados da forma em que os artefatos foram obtidos.

No entender de Pomian (1988) os museus de Arqueologia diferem uns dos outros pela localização, arquitetura, organização interna e conteúdo, mas, de uma maneira geral, é possível apontar que a história do colecionismo, da pesquisa e da instituição museológica legou para a contemporaneidade dois processos independentes. Estes processos museais oferecem, na verdade, diferentes visões sobre a história cultural.

⁸ Disponível em <https://www.gov.br/museus>, acessado em 28/11/2024.

⁹ Segundo o Dicionário Informal, Semióforo se refere à:

“Tipo de símbolo cujo significado altera a realidade no momento em que é compreendido. Tal como as palavras performativas cuja pronúncia e ato coincidem no tempo. É um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica”. Disponível em [Semióforo \(dicionarioinformal.com.br\)](https://dicionarioinformal.com.br) Acessado em 15/06/2024.

Em alguns casos são complementares, em outros antagônicos, mas também demonstraram as distintas formas de produção de conhecimento que envolve a Arqueologia e, sobretudo, as diferentes possibilidades de apropriação do conhecimento arqueológico produzido em museus. O autor mencionado indica e justifica a existência dos museus arqueológico-artísticos e os museus arqueológico-tecnológicos. (POMIAN, 1988 apud BRUNO, 1996, p. 301).

Por outro lado, pode-se abordar a questão de cultura material para além daquilo que o define como belo ou funcional ou ambos, tais objetos podem estar ligados a um sistema simbólico de uso ritualística ou mesmo de uso cotidiano? Como diz Gonçalves (2007):

Importante assinalar que, a partir dessa perspectiva, os objetos materiais, como aqueles classificados como “tecnologia” (*Schlanger 1998*) ou como “arte” (*Boas 1955; Lévi-Strauss 1958; Forge, 1973; Geertz 1998: 142-181; Gell 1992; Almeida 1998; Price 2000; Lagrou 2000*), serão pensados não mais enquanto parte de uma totalidade social e cultural que se confunde com os limites de uma determinada sociedade ou cultura empiricamente considerada, mas sim enquanto parte de sistemas simbólicos ou categorias culturais cujo alcance ultrapassa esses limites empíricos e cuja função, mais do que a de “representar”, é a de organizar e constituir a vida social”. (GONÇALVES, 2007, p. 21).

Para o autor, os objetos de museus, antes de chegarem à condição de objetos de coleção ou de objetos de museu, foram objetos de uso cotidiano, foram mercadorias, dádivas ou objetos sagrados. As primeiras organizações de museus tinham como propósito representar as culturas por meio dos objetos, usando assim, de conceitos culturalista e objetificações por semelhanças, numa visão de característica universalista muito comum no ocidente, onde classifica-se como bens culturais objetos que representam uma prática cultural presente em toda e qualquer sociedade humana e que pode ser objeto de comparação de uma cultura para outra.

É possível que essa categoria universal de bens nos possa ser útil para entender ao menos parcialmente aqueles objetos que, uma vez retirados da circulação cotidiana, vêm a ser, no contexto das modernas sociedades ocidentais, classificados como “patrimônio cultural” (GONÇALVES, 2007, p. 28),

Essa visão é criticada quando se discute sobre quem são esses povos originários, e aí se vê uma visão totalmente ocidental sobre essa indagação, ou seja, generalista, como enfatiza Wichers (2017): “na busca por evidências que comprovem a existência de sociedades mais próximas a um ideal moderno de civilização ‘masculino, branco e europeu’, e marcadamente

colonialista e androcêntrica” (WICHERS, 2017, p. 29). As exposições em museus, organizadas dessa forma, parecem impor que os artefatos não foram feitos por uma pessoa, mas sim por um povo que já está extinto, mas que vive ali naquele vestígio, como complementa Meneses (1983, p.104), “a simples marginalização da cultura material, a supressão, no horizonte histórico, do universo físico.” Para isso ser recategorizado é necessário desatribuir a função generalista para os objetos materiais e vestígios, com isso pode-se até intervir no conceito de como esses vestígios arqueológicos estão expostos, de que forma o museu está querendo transmitir aquele objeto.

Priorizar a construção das informações sobre o universo material, pode ser uma problemática, afinal um sítio não é composto somente por vestígios, o objeto de seus produtores e usuários originais passa a valer, aos olhos de um "observador", apenas enquanto suporte físico de informação, e com isso está ligado a semiótica cultural, que não busca responder o porquê aquele vestígio foi produzido, mas sim a importância dele culturalmente imposta.

É preciso reconhecer, contudo, que uma parte das críticas feitas por aqueles que marginalizam a cultura material tem razão quanto a certos vícios dos arqueólogos, sobretudo na medida em que as coisas materiais são por eles frequentemente tratadas como se fossem realidades em si, à parte, reificadas¹⁰. (MENESES, 1983, p. 109).

Trazendo lógica para além do vestígio, mas igualmente para o contexto em que ele estava inserido, condizente com o passado e que impõem um teor científico, que consequentemente seja a parte mais importante para um arqueólogo que se baseia na cultura material para o seu trabalho. Estes autores estão sugerindo que se trabalhe dentro da lógica de reestruturação regional de um povo ou comunidade, mostrando de forma congruente maneiras de aproximação de uma população que vive em um local que antes já havia sido habitado. Por meio de pesquisas e informações de estudos arqueológicos, estas informações seriam inseridas em museus, podendo fazer com que o público tenha um vislumbre das populações antigas.

De maneira inicial, compreende-se que, apesar do desenvolvimento recente dos estudos arqueológicos em Goiás, já se formou uma compreensão mais ampla do passado arqueológico,

¹⁰ Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra reificar utilizada por Meneses significa: “Enxergar algo abstrato como concreto; coisificar: reificar a musa em poema. [Filosofia] operar a reificação (coisificação); transformar algo abstrato em algo real: reificar uma ideia ou pensamento. [Figurado] Ficar completamente imóvel, parado, estático”. Disponível em <https://www.dicio.com.br/reificado/#:~:text=Enxergar%20algo%20abstrato%20como%20concreto,completamente%20im%C3%B3vel%2C%20parado%2C%20est%C3%A1tico>. Acessado em 15/06/2024.

especialmente referente ao período anterior à chegada dos colonizadores. Pode-se citar algumas publicações, como a de Schmitz (1987), que traz sobre a região de Serranópolis - GO informações que atualmente são referência dos estudos arqueológicos pioneiros em Goiás em artigos e trabalhos científicos. Nesta publicação, foram abordados pontos tais como o contexto geológico, os abrigos sob rochas e resenhas sobre os vestígios culturais dos sítios escavados. Em meio a várias pesquisas feitas na região por Schmitz e equipe, a paisagem e o ambiente favorável a sustentação da vida são tomados como aspectos fundamentais para escolha dos locais onde implantaram suas aldeias. “Nestas condições o local mais favorável para a instalação humana é a encosta, onde se encontram os abrigos, a matéria prima, a água limpa e donde se podem dominar facilmente todos os recursos tanto os da chapada como os do vale e da encosta.” (SCHMITZ, 1987, p.18). No entanto, o mesmo autor menciona das dificuldades de fazer projeções de recursos naturais para um passado remoto, afinal, mudanças extremas podem ter ocorrido em curtos períodos, até mesmo por se tratar de um território que pode ter sofrido modificações no fim do Pleistoceno e começo do Holoceno.

Das camadas arqueológicas dos abrigos estamos deduzindo (Schmitz 1984), que no começo do Holoceno (de 11000 a 8500 anos A.P.) a região teria sido mais fria e mais seca, sucedendo-se, porém, temporadas mais secas e outras mais úmidas; ao redor de 8500 anos A.P., percebe-se uma temperatura mais alta, aparentemente sem o correspondente crescimento da umidade, que desembocaria no “ótimo climático” com um máximo de calor e de umidade; ultrapassando este clímax, outra vez a temperatura se tornaria mais amena e a umidade mais reduzida, parecendo-se às condições climáticas atuais, embora ainda sujeitas a aumentos de umidade como ao redor de 2700 e 1700 anos AP (SCHMITZ, 1987, p. 21).

Buscando então conhecimentos sobre as primeiras ocupações humanas no estado de Goiás e no bioma Cerrado, tais pesquisas como a de Schmitz auxiliam no propósito de entender como se fundamentam as pesquisas e as escavações na região, e para além disso, voltando para esse TCC, cria-se uma base para a compreensão dos materiais arqueológicos expostos, já que fazendo parte de um mesmo contexto regional, podendo ou não pertencer a uma mesma cultura ou grupo, mas havendo informações de pesquisas para contribuir na fundamentação de como era a interação desses povos com o ambiente circundante, e quais as adversidades climáticas ou ambientais, que esses grupos vivenciaram.

O conceito de arqueologia que é usado pelos pesquisadores para fundamentação de seus estudos contribui para a orientação do trabalho arqueológico. Neste sentido, Trigger (2004) define o campo de estudo da arqueologia como:

A arqueologia é uma ciência social no sentido de que ela procura explicar o que aconteceu a um grupo específico de seres humanos no passado e fazer generalizações a respeito do processo de mudança cultural. (...) A arqueologia infere comportamento humano, e também ideias, a partir de materiais remanescentes do que pessoas fizeram e usaram, e do impacto físico de sua presença no meio ambiente. A interpretação de dados arqueológicos depende da compreensão de como seres humanos se comportam no presente e, em particular, de como esse comportamento se reflete na cultura material (TRIGGER, 2004, p. 19).

Como este TCC tem como objetivo investigar se a seção de arqueologia do MHN juntamente com a oficina de escavação está contribuindo para uma melhor compreensão da arqueologia entendemos que o método de análise por resposta a um formulário online seria a melhor forma de alcançar estes resultados. A elaboração e investigação de dados é uma das partes cruciais para uma pesquisa científica, neste caso nosso interesse é compreender uma realidade específica relacionada às visitas ao Memorial do Cerrado pelo público escolar, portanto, uma pesquisa social ou qualitativa. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa é um método das Ciências Sociais que se preocupa com o universo de significados (motivos, crenças, valores, atitudes) da subjetividade humana:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p. 22).

Levando em consideração os objetivos já traçados deste TCC, pensamos que seria necessário o trabalho de campo para esta investigação. Uma vez que já havia sido monitor/guia do Memorial e conhecia a realidade das visitas, seria interessante, no momento da pesquisa, realizar a monitoria agora como pesquisador, buscando perceber a absorção das informações transmitidas.

O trabalho de campo permite uma aproximação do contexto que se quer estudar. É onde serão feitos questionamentos sobre a realidade, mas é preciso entender como fazer um

questionamento, que permita ir além de uma descoberta, e com criatividade, ser capaz de produzir conhecimentos (DEMO apud NETO, 1994). Um dos pontos principais, visto até como obstáculo, que possa dificultar um projeto de pesquisa, diz respeito a como fazer uma aproximação com as pessoas da área em estudo, é fundamental ter uma relação de respeito pelas pessoas e pela forma com que elas se manifestam. Outro ponto importante é fazer uma apresentação da proposta de estudo ao grupo envolvido,

Os grupos devem ser esclarecidos sobre aquilo que pretendemos investigar e as possíveis repercussões favoráveis advindas do processo investigativo. É preciso termos em mente que a busca das informações que pretendemos obter está inserida num jogo cooperativo, onde cada momento é uma conquista baseada no diálogo e que foge à obrigatoriedade. (NETO, 1994, p. 55).

Destaca-se ainda, a postura do pesquisador em relação a problemática a ser estudada, onde o pesquisador não pode se colocar em uma posição superior ou inferior diante do que ele busca entender, para não gerar constrangimentos entre o pesquisador e o grupo envolvido, que pode acabar se sentindo coagido e fornecendo falsos depoimentos e diferentes pontos de defesa de ideias e valores do grupo trabalhado (NETO, 1994).

A pesquisa de campo pressupõe um cuidado teórico-metodológico com a temática a ser explorada, havendo necessidade de que a pesquisa não fique somente no uso de técnicas refinadas para se obter os dados, mas busque usar ideias teóricas com significados dinâmicos, nesse processo de trabalho é que são criados ou fortalecidos laços entre o investigador e a população (NETO, 1994).

Com diversas técnicas para abordar a pesquisa, as mais empregadas são a observação participante e coleta de dados por formulário online. A coleta de respostas é um procedimento bastante utilizado, afinal visa obter informações contidas nas falas de atores sociais, muitas vezes podendo até parecer despreziosa e neutra, mas importantes dentro da investigação.

Por sua vez, a observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com a realidade observada, o usufruto direto da produção de dados.

A importância dessa técnica reside no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não são obtidos por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real. (MINAYO, *et al.* 1994, p. 59).

Em todos os casos, é necessário compreender bem o objeto e estabelecer uma base teórica, que possa dar suporte à análise dos dados, compreendidos diante de um quadro de

referências que permita ir além do que simplesmente está sendo mostrado. Segundo Neto (1994, p. 61), “A ênfase que devemos dar à dimensão teórico-metodológica nos permite fugir do que podemos denominar mito da técnica”, que nesse sentido, o autor faz restrição aos instrumentos apurados na coleta de informações, para além de se acumular dados, é necessário um processo de constante reformulação no caminho da pesquisa, através de descobertas de novas pistas, uma em uma dinâmica investigativa, onde os agentes de mediação entre a análise e a produção de informações, se torne um elo fundamental, reduzindo a divergência entre a base teórica e a apresentação do material de pesquisa.

Após a criação de dados, será realizada a fase da análise. Neste momento, percebe-se a importância da fundamentação teórica para a análise, para que não ocorra uma desarticulação entre os dados e a interpretação. Para Gomes (1994), alguns desses riscos seriam de o pesquisador achar que os resultados são óbvios porque ele conhece bem realidade pesquisada ou quando o pesquisador se encanta com as técnicas de pesquisa que toma a coleta de dados como o fim da pesquisa.

A finalidade da pesquisa deve ser clara para que seja alcançada, Minayo aponta propósitos da pesquisa: “estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado” (MINAYO apud GOMES, 1994).

Uma vez que são obtidos muitos dados na pesquisa, em especial quando as respostas são discursivas, a quantidade de informações dificulta a análise. Assim preciso criar categoria, para isso e preciso estabelecer classificações, para trabalhar com ideias e/ou expressões em torno de um conceito. Essas categorias podem ser definidas antes durante ou depois do momento de pesquisa, visando trabalhar com a representação social, visando entender os pensamentos, ações e sentimentos que são expressos pela realidade em que vive as pessoas.

A análise de conteúdo pode ser aplicada através de duas funções, sendo elas, a verificação de hipóteses e a descoberta. A verificação de hipóteses, ou seja, verificar através da análise do conteúdo, respostas para as questões formuladas nas considerações estabelecidas antes do trabalho. Quanto à descoberta, está visa ver o que está por trás dos conteúdos manifestados. A análise de conteúdos segue uma cronologia que se desenvolve nas seguintes fases: pré-análise (organização inicial), exploração do material (exame detalhado dos dados), tratamento dos resultados obtidos (processamento dos dados) e, por fim, a sua interpretação (conclusão). Esse processo permite entender os dados de forma mais sistemática, no entanto, o

produto final da análise deve ser encarado de forma provisória e aproximativa, podendo resultar na superação do posicionamento inicial, como pode permanecer na mesma ideia proposta.

A base teórica e conceitual aqui apresentada deu suporte para o desenvolvimento da pesquisa para a abordagem da compreensão dos temas da arqueologia no contexto museal.

Capítulo III – Elaboração e Análise de Dados

Neste capítulo será apresentado o desenvolvimento das análises que buscaram investigar a contribuição da seção de arqueologia do MHN e a oficina de escavação no entendimento sobre as culturas humanas do período pré-colonial que se estabeleceram no Cerrado. Para isso, foram utilizadas a observação participativa e a produção de um formulário para coleta de dados. O trabalho de campo foi realizado no Memorial do Cerrado de abril a novembro de 2024, em dias agendados ocorrendo, predominantemente, no período da manhã e, eventualmente, no período da tarde. Desta pesquisa participaram 5 escolas abrangendo 7 turmas.

Como estagiário, atuando como monitor do Memorial do Cerrado durante dois anos, já tinha conhecimento prévio sobre a seção de arqueologia e a oficina de escavação. Desta forma, inserido na equipe e nas atividades desta instituição. Por isso, a observação participante foi a proposta desde o início, facilitando minha atuação nas atividades de monitoria.

A proposta da pesquisa foi de acompanhar as turmas na seção de arqueologia fazendo a apresentação do conteúdo e em seguida, realizar a oficina de escavação com o mesmo grupo. O percurso da visitação seria feito normalmente com o acompanhamento dos monitores do ITS, ao chegar na seção de arqueologia, o pesquisador já estaria aguardando a turma de alunos, e conduziria a explanação desta seção a partir daí. Neste momento, a finalidade da pesquisa era apresentada¹¹ e em seguida a seção de arqueologia.

A monitoria feita pelo pesquisador começava com uma pergunta: "**Alguém sabe o que é arqueologia ou já ouviu falar sobre isso?**" Essa abordagem introduzia o foco da informação que seria apresentada na seção.

Após essa breve introdução, começava uma explicação do que é arqueologia, abordando inicialmente sua prática: "**A arqueologia é uma ciência humana que estuda objetos e vestígios deixados por grupos humanos de qualquer época, desde o primeiro ser humano conhecido até os dias atuais, analisando a cultura material deixada por esses povos.**"

¹¹ Foi esclarecido que um formulário seria enviado para que pudessem contribuir com a pesquisa sobre o conhecimento sobre arqueologia. Também explicava que o resultado do trabalho ia ser usado no TCC e que poderia contribuir para melhorar a comunicação das informações referente à pré-coloniais de Goiás.

Figura 8: Pesquisador e alunos diante do painel que inicia a seção de arqueologia da exposição, Museu de História Natural.
Foto: Levy Silvério.



Em seguida, introduzia-se o tema da arqueologia no Cerrado, mostrando o primeiro painel, intitulado *Arqueologia no Cerrado*. Nesse momento, eram passadas informações gerais sobre a presença de humanos na região, mencionando dados de pesquisas sobre a datação de vestígios arqueológicos no Cerrado e destacando a importância da cultura material deixada por essas populações.

Primeiro, chamava-se a atenção para o maior painel retratando pinturas rupestres. Em seguida perguntava-se: "**Vocês sabem o que são pinturas rupestres?**" Após ouvir as respostas, fazia-se uma explanação sobre o significado das figuras encontradas nos paredões, trazendo informações sobre os sítios arqueológicos, a sua localização em Serranópolis, os nomes dados a esses sítios e as interpretações feitas sobre as imagens. Buscando incentivar a percepção dos alunos na identificação do que poderiam representar as pinturas na época em que elas foram feitas.

Posteriormente, o vaso cerâmico era apresentado, explicando sua função e informando que ele foi usado como urna funerária. Nesse momento, levantava-se a seguinte questão para a turma: "**Como vocês acham que um ser humano teria sido colocado dentro desse recipiente?**" Algumas respostas eram dadas, e junto com os esclarecimentos era explicado sobre a prática cultural de enterramento primário e secundário, que envolvia o tempo necessário para que a carne fosse decomposta para que os ossos pudessem ser depositados na urna.

A vitrine com as ferramentas líticas era apresentada em seguida, mostrando os materiais expostos e abordando o conteúdo do painel *Primeiras populações humanas no Cerrado*. Entre as ferramentas, destaca-se a chamada o plano convexo ou “lesma”, um objeto de grande importância arqueológica por ser um definidor de uma tradição das técnicas de lascamento conhecida como Itaparica.

A simula de uma escavação e representação de um perfil estratigráfico em um sítio arqueológico, era o assunto seguinte, sendo explicado o conceito de estratigrafia e sua relevância para a arqueologia. Destacava-se como o estudo das camadas do solo auxilia na compreensão da cronologia e na reconstrução da história das populações antigas.

Por fim, era informado à turma que havia um formulário que gostaríamos que fosse respondido e que as respostas serviriam para avaliar o entendimento e o interesse dos participantes sobre o conteúdo apresentado.

Para a oficina de escavação, o diálogo com os alunos era mais dinâmico, por meio da prática de escavação e dos artefatos arqueológicos que fazem parte da oficina. Passavam pelas mãos dos alunos diferentes materiais encontrados na escavação, sendo instrumentos líticos, fragmento cerâmicos e conchas, que eram abordados pela função destes materiais ou para que foram utilizados.

Uma primeira experiência da oficina de escavação foi realizada durante a 6ª Jornada da Cidadania da Pontifícia Universidade Católica de Goiás em maio de 2024. A partir desta, o formulário foi reformulado para atender às necessidades que não foram atendidas no primeiro resultado do teste.

Considerando a importância do uso de um instrumento de avaliação que possa contribuir para levantar os pontos onde a metodologia aplicada mostrou-se favorável ou necessitando de melhora, buscou-se como referência do trabalho em museus, o Guia Básico de Educação Patrimonial (HORTA et al., 1999). Segundo as autoras:

Em qualquer atividade de Educação Patrimonial, a avaliação da experiência pode trazer subsídios que possibilitem aos educadores enriquecer a aplicação da metodologia utilizada, verificando o nível de envolvimento e compreensão dos alunos com o tema explorado.

Tendo como foco a seção de arqueologia da Exposição A Vida no Cerrado do MHN e a oficina de escavação arqueológica, o formulário foi elaborado em duas versões, uma para o professor e outra para o aluno. Buscando avaliar os aspectos orientados por (Horta et al.1999):

- Aspectos relativos ao professor: familiaridade com o museu, intenção, motivação da visita, nível de preparação em sala de aula, conhecimento prévio do tema, expectativa em relação à visita e aos resultados alcançados.
- Aspectos relativos ao aluno: motivação, dificuldades, adequação da atividade ao tempo disponível, nível de apreensão do tema (HORTA et al. 1999, p. 50).

As escolas foram pré-selecionadas para participar, tendo sido escolhido um público-alvo dentro do âmbito escolar. Foi dada preferência para alunos do Ensino médio, por razões de melhor compreensão sobre o período pré-colonial, visto no 1º ano do ensino médio. Sob estas avaliações tentou-se ainda perceber, por meio do formulário, se o atendimento tem alcançado a compreensão dos alunos e dos professores, havendo espaço para comentários e sugestões. Considerando estes propósitos, foram adaptadas as perguntas conforme proposto por (HORTA et al. 1999, p. 51).

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO

Seção de arqueologia da Exposição A Vida no Cerrado do MHN e a oficina de escavação arqueológica

Formulário do Professor

Escola:..... Série:.....

Dia/Hora:..... Faixa etária:.....

Prezado Professor;

Para otimizar o trabalho desenvolvido pela equipe acadêmica do Memorial do Cerrado, gostaríamos de sua colaboração no sentido de avaliar a atividade educativa oferecida aos seus alunos e contribuir com o Trabalho de Conclusão de Curso de discente desta instituição. A sua opinião nos será muito útil!!!

A Equipe Acadêmica do Memorial do Cerrado.

1. É a primeira vez que você traz seus alunos ao Museu de História Natural? Sim () Não ()
2. O que o motivou a trazê-los?
.....
3. Que disciplina você leciona para esta turma?
.....
4. Que nível de informação/conhecimento você tinha sobre este tema da arqueologia pré-histórica?
Nenhum () Suficiente () Muito ()
5. Qual a sua expectativa ao trazer seus alunos para participar da atividade educativa na seção de Arqueologia?
6. A sua expectativa foi atendida? Sim () Não () Em parte ()
Em caso negativo, por que?
7. Houve preparação para a visita a esta Seção de Arqueologia? Sim () Não ()
Em caso positivo, que tipo de preparação?
8. Seus alunos estavam motivados a visitarem a Seção de Arqueologia? Muito () Em parte () Não ()
Qual a razão desta motivação/ desmotivação?
.....
9. Seus alunos se mostraram participativos durante a atividade? Muito () Em parte () Não ()
10. O tempo utilizado na atividade foi suficiente? Sim () Não ()
11. A abordagem do tema estava compatível com o nível de compreensão dos seus alunos? Sim () Não ()
12. A orientação oferecida durante a visita à Seção de Arqueologia o auxiliará de alguma forma em sala de aula? Sim () Não () Em parte ()
Em caso de afirmativo como você pretende utilizá-la? Ciências Humanas () Ciências da Natureza () Linguagem () Matemática () outros:.....
13. Como você classificaria o tratamento dispensado pela equipe de colaboradores e monitores do Museu?
Muito bom () Bom () Regular () Péssimo ()
14. Sugestões:

Formulário do Aluno

Nome:..... Idade:..... Escola:.....
 Série:..... Data:.....

Prezado Aluno;

Foi muito bom trabalharmos juntos. Para melhorar a qualidade do conteúdo da seção de arqueologia, gostaríamos de saber a sua opinião sobre a atividade da qual você participou. Muito obrigada!!!

A Equipe Acadêmica do Memorial do Cerrado.

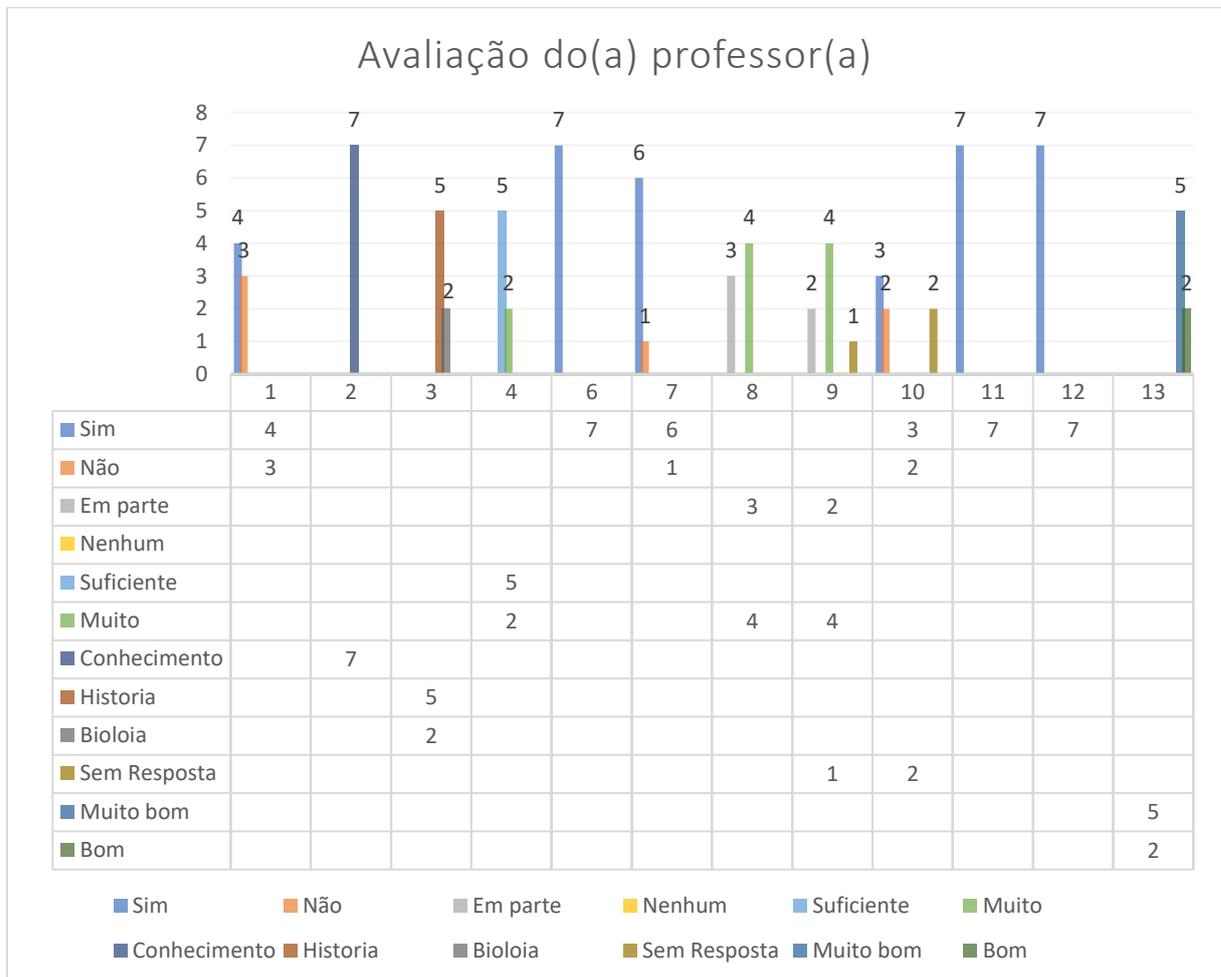
1. É a primeira vez que você vem ao Museu? Sim () Não ()
 Em caso negativo, quantas vezes você já visitou o Museu de História Natural do Memorial do Cerrado?.....
2. Você encontrou alguma dificuldade na compreensão do conteúdo oferecido na Seção de Arqueologia? Quais?
 Não ()
 Sim, identificar os objetos expostos ()
 Sim, compreender os textos da exposição ()
 Sim, compreender a explicação falada pelos monitores ()
 outros:.....
3. Após visitar a Seção de Arqueologia, você diria que conheceu melhor sobre o que é Arqueologia? Sim () Não () Em parte ()
4. O tempo dado para a elaboração da oficina de escavação arqueológica foi: Suficiente () Insuficiente ()
5. Ao participar da oficina de Escavação, você compreendeu melhor como o arqueólogo trabalha? Sim () Não () Em parte ()
6. Os objetos que encontrou na escavação representam qual dos materiais abaixo:
 Ferramenta de rochas lascadas pelo humano ()
 Fragmentos de vasos cerâmicos ()
 Ossos de animais que serviram como alimento ()
 Conchas usadas para adornos como colares e pulseiras ()
7. Numa escala de 0 a 10, que nota você daria a atividade proposta pela Seção de Arqueologia e Oficina de Escavação?

Desta forma, após a coleta dos dados por meio do formulário, estes foram analisados conforme apresentado a seguir.

Análise de dados

O formulário foi respondido por cinco colégios com um total de 126 (cento e vinte e seis) participantes, sendo 7 (sete) professores, e 119 (cento e dezenove) alunos. Dos cinco colégios, apenas um realizou a oficina de escavação¹². Os dados gerados pelo formulário foram tabulados, e depois colocados em um único gráfico e, posteriormente, agrupados por categorias, conforme será apresentado.

Gráfico 1: Avaliação do(a) Professor(a).



¹² Foi feita a oficina de escavação apenas com uma escola por adversidade climática, por se tratar de uma área aberta, e encontrando-se com chuva no período da visitação, não foi possível fazer tal pratica com as outras escolas. Por orientação da diretoria e coordenação do Memorial do Cerrado e proibido a visitação nas partes externas em períodos de chuva, por rios extraordinários.

Gráfico 2: Avaliação do(a) Aluno(a).



Os resultados colocados em gráfico mostram a variação das respostas a perguntas objetivas para as quais foram fornecidas alternativas do tipo, sim, não, em parte ou suficiente, insuficiente, entre outros. Mas, como algumas questões foram respondidas livremente não foi possível colocá-las no gráfico, porém foram analisadas e agrupadas em categorias.

Respostas dos Professores

Foram obtidos 7 (sete) respostas ao formulário de avaliação do professor, para a análise dos dados, as questões foram agrupadas em categorias para permitir uma melhor compreensão:

Tabela:

Tabela 1. Relação entre categoria e as perguntas do formulário dos Professores.

Categorias	Perguntas
Familiaridade com o museu	1
Motivação	2, 3, 8, 9
Conhecimento prévio sobre pré-história	4
Expectativa em relação à visita e aos resultados alcançados	5, 11, 12
Nível de preparação	7
Avaliação da equipe de colaboradores	13 e 14

Dentro da categoria Familiaridade com o museu, foi perguntado ao professor se era a primeira vez que trazia seus alunos ao Museu de História Natural. Quatro professores responderam que sim e três responderam que não. Como já mencionado, o MHN trata de muitos assuntos e os professores podem explorar estes conteúdos em diversas aulas e materiais diferentes. No entanto, a maioria das respostas dos professores estava trazendo os alunos pela primeira vez, demonstrando a falta de familiaridade com o potencial dos assuntos ali tratados.

A motivação foi avaliada pelas perguntas 2, 3, 8 e 9. A pergunta 2 – “O que o motivou a trazê-los?”, é direta e solicita uma resposta escrita. Para esta, foram dadas as respostas a seguir:

- a) “O estudo do Conteúdo evolução e povoamento do Cerrado”;
- b) “Conhecimento, história e memória”;
- c) “Aprendizado dos alunos, conhecimento”;
- d) “Conhecimentos históricos, culturais e sobre o cerrado”;
- e) “Aprofundar os conhecimentos acerca da fauna, flora, cerrado e evolução das espécies”;
- f) “Mostrar fisicamente o conteúdo das aulas para melhorar e ampliar o conhecimento”;
- g) “Complemento para os conteúdos abordados em sala”.

Todas as respostas estão interessadas no aprofundamento e complementação do conteúdo, mas três delas são genéricas e quatro são específicas. Nesta segunda categoria foram citados: evolução, povoamento do Cerrado; história e memória; culturas; cerrado, fauna e flora.

Apesar de temas como evolução, história, memória e culturas, serem abordados pela arqueologia, apenas a questão de povoamento do Cerrado foi um assunto da seção de arqueologia.

Quanto à disciplina ministrada pelos professores, as respostas foram:

- a) Biologia
- b) História
- c) História e Geografia
- d) História
- e) Coordenador pedagógico
- f) História
- g) Biologia

A pergunta foi feita para compreender a proximidade do professor com o conteúdo que iria ser visto. Havendo quatro professores de História, dentre eles, um que também dá aulas de Geografia, dois de Biologia e uma Coordenadora Pedagógica. Podemos dizer que a Arqueologia tem proximidade com a História, portanto, este saberia compreender melhor o assunto da pré-história.

Sobre a percepção que o professor teve da motivação e participação durante a atividade dos alunos na visitação da Seção de Arqueologia, os resultados foram positivos em quatro casos. Enquanto três professores acharam que os alunos estavam apenas parcialmente motivados e dois acharam que os alunos estavam parcialmente participativos durante a atividade (um não respondeu). Não houve resposta negativa quanto a essa pergunta, considerando um resultado favorável.

Mas ao perguntar qual a razão da motivação/desmotivação dos alunos, as respostas foram:

- a) “Ter uma aula extraclasse”;
- b) “Prova SAEGO”;
- c) “Conhecimento adquirido”;
- d) “Fazer uma aula fora do ambiente escolar”;
- e) “Expectativas de ver aquilo da teoria”;
- f) “A aula de campo, fora da sala de aula e conhecer o museu”;
- g) “Falta de conhecimento”.

As justificativas para a falta de motivação foi a “Prova SAEGO” e a “Falta de conhecimento”, entraves reconhecidos pelos professores frente aos alunos. No entanto, as demais respostas podem ser agrupadas na motivação “estar fora da sala de aula” (respostas a;

d; f), e complementação do conhecimento (c, e). Estas respostas poderiam ser avaliadas dentro de aspectos psicossocial reflexivos, quanto a pressão que professores e alunos sofrem pelas condições inadequadas dos métodos de ensino, mas apesar de muito importantes, não cabe aos objetivos traçados pela pesquisa.

Sobre o conhecimento prévio que tinham a respeito da “pré-história”, foram propostas três alternativas – Nenhum; Suficiente; Muito. Essa pergunta visava saber se a temática do período pré-colonial estava sendo estudado e discutido em sala de aula. Neste caso, as respostas foram 5 – Suficiente e 2 – Muito, o que indica que estes professores não ignoravam a temática apresentada na seção de arqueologia, e dois deles, consideravam até saber muito.

As perguntas 5, 11 e 12 avaliaram a expectativa em relação à visita e se os resultados foram alcançados. A questão 5 – “Qual a sua expectativa ao trazer seus alunos para participar da atividade educativa na seção de Arqueologia?”, foi respondida de forma livre:

- a) “Adquirir e aperfeiçoar seus conhecimentos”
- b) “Valorizar o conhecimento/trabalho das ciências que auxiliam ao estudo da história”
- c) “Maravilhosa”
- d) “Aumentar o conhecimento”
- e) “Compreender a trajetória da humanidade”
- f) “Proporcionar mais conhecimento para os alunos”
- g) “Aplicar os conhecimentos”

Quando perguntado se a abordagem do tema estava compatível com o nível de compreensão dos alunos (questão 11), todos os professores responderam que sim. As respostas foram no sentido de adquirir e aplicar conhecimentos, sendo utilizados nas respostas os verbos adquirir, valorizar, auxiliar, aumentar, compreender, proporcionar, aplicar. Todos eles no sentido de formar o professor para contribuir também com o aluno.

E se as orientações oferecidas durante a visita à Seção de Arqueologia iriam auxiliar de alguma forma em sala de aula (questão 12), igualmente todos responderam positivamente. Ainda na mesma questão, perguntou-se: “Em caso afirmativo como você pretende utilizá-la? Ciências Humanas () Ciências da Natureza () Linguagem () Matemática () outros:.....”. Sendo marcado Ciências Humanas (7), Ciências da Natureza (4) e matemática (2). Essa pergunta teve como propósito entender em que campo a temática poderia contribuir e se, seria também introduzida em outros campos para além das ciências Humanas, que é a área científica da arqueologia.

Ao perguntar se houve preparação para a visita à Seção de Arqueologia, seis professores responderam que sim, e apenas um respondeu que não. Se associarmos esta pergunta à disciplina lecionada para a turma, encontramos cinco professores de história e dois de biologia, o que poderia mostrar a afinidade das ciências humanas ao tema da pré-história, sendo que todos os professores acharam que as informações fornecidas estavam compatíveis com o nível de compreensão dos alunos, mostrando que estava acessível aos alunos podendo ser assimiladas.

Por fim, foi feita uma pergunta para avaliar o tratamento dispensado pela equipe de colaboradores e monitores do Museu durante a visita (questão 13). Esta pergunta não avalia diretamente a compreensão do público sobre a pré-história, mas pode demonstrar receptividade e a satisfação do público com a tratamento recebido. Neste caso, apesar de a ficha contemplar alternativas de regular e péssimo, as respostas dadas foram muito bom (5) e bom (2), mostrando satisfação no tratamento recebido.

Respostas do Aluno

Foram obtidas 119 (cento e dezenove) respostas ao formulário de avaliação do Aluno. Sendo que apenas uma das turmas passou pela oficina de escavação depois de ter passado pela seção de arqueologia. Para a análise dos dados, as questões foram agrupadas em categorias para permitir uma melhor compreensão:

Tabela 2. Relação entre categoria e as perguntas do formulário dos Alunos.

Categorias	Perguntas
Familiaridade com o museu	1
Dificuldades	2
Adequação da atividade ao tempo disponível	4
Nível de apreensão do tema	3, 5, 6

A primeira pergunta do formulário é sobre a familiaridade com o museu, portanto, foi indagado se era a primeira vez que o aluno visitava o Museu de História Natural. Do total de respostas, 102 (cento e dois) disseram que sim e 17 (dezesete) que não, deste, 12 (doze) ainda

complementaram que já estiveram no museu, uma vez (seis respostas) e duas vezes (seis respostas). Demonstrando que para a grande maioria dos alunos aquela visita era uma novidade.

Depois foi perguntado se houve dificuldade em compreender o conteúdo da Seção de Arqueologia (questão 2), buscando projetar se o conteúdo estava qualificado para a aprendizagem dos visitantes com ou sem guia acompanhando, havendo alternativas para uma resposta mais precisa. Das respostas apresentadas, 112 (cento e doze) disseram que não tiveram dificuldade, e 8 (oito) disseram que tiveram dificuldade, sendo que dois acharam difícil identificar os objetos expostos, cinco em compreender os textos da exposição e um em compreender a explicação falada pelos monitores.

Para compreender o nível de apreensão do tema da Arqueologia, perguntou-se sobre a opinião do aluno se, após a visita, ele teria conhecido melhor sobre o que é Arqueologia (questão 3). As respostas foram positivas em 80 (oitenta) casos, enquanto 36 (trinta e seis) disseram que conheceram em parte e 2 (dois) disseram que não houve melhoria no conhecimento sobre Arqueologia. Apesar da maioria ter dito que sim, é significativo que 36 das respostas indicaram que o conhecimento foi apenas parcial. O que pode indicar dificuldades destes alunos por diferentes fatores, tais como as limitações do próprio atendimento, pois algumas vezes, o grupo de alunos atendido é grande e dificulta a comunicação clara, ou por fatores externos voltados ao próprio contexto escolar dos alunos.

Assim, sobre a adequação do tempo para a oficina de escavação, foi perguntado se o tempo foi suficiente ou insuficiente. Com isso foi respondido: para 21 (vinte e um) foi suficiente, e para 4 (quatro) insuficiente. Assim percebe-se que para grande maioria dos alunos, o tempo foi bom para a elaboração da oficina.

Ainda associada à apreensão do aluno, foi feita uma pergunta que estava relacionada à oficina de escavação, para reconhecimento e identificação dos artefatos escavados (questão 6). Esta buscou saber sobre a identificação dos objetos que foram encontrados na oficina de escavação. Uma vez que os artefatos já tinham sido apresentados na Seção de Arqueologia, na oficina de escavação eles seriam mais facilmente lembrados. Nesta pergunta os alunos podiam marcar mais de uma alternativa, e reconheceram os seguintes artefatos: 26 identificaram ferramentas de rochas lascados pelos humanos, 20 reconheceram os fragmentos de vasos cerâmicos, um identificou também ossos de animais que serviram como alimento e quatro as conchas usadas para adornos como colares e pulseiras. Aqui percebeu-se a assimilação dos objetos escavados à função deles.

Por fim, os alunos avaliaram a experiência na Seção de Arqueologia e Oficina de Escavação com uma nota de 0 a 10. Nem todos responderam esta questão, mas os resultados obtidos foram os seguintes: Nota 5 – 2 vezes; nota 7 – 4 vezes; nota 8 – 15 vezes, nota 9 – 17 vezes; nota 9,5 – 1 vez e nota 10 – 58 vezes. Estes demonstram uma boa avaliação da experiência.

Por fim, os alunos avaliaram a experiência na Seção de Arqueologia e Oficina de Escavação com uma nota de 0 a 10. Nem todos responderam esta questão, mas os resultados obtidos foram os seguintes: Nota 5 – 2 vezes; nota 7 – 4 vezes; nota 8 – 15 vezes, nota 9 – 17 vezes; nota 9,5 – 1 vez e nota 10 – 58 vezes. As respostas compreendidas dentro de uma variação numérica, interpretaram a experiência como: muito boa; boa; neutra; ruim ou muito ruim, sendo 1-2 muito ruim; 3-4 ruim; 5-6 neutra; 7-8 bom; 9-10 muito bom, essa pergunta está associada há como o visitante vê a explicação arqueológica proposta pelo Memorial do Cerrado. Estes demonstram que a experiência foi considerada muito boa por 76 pessoas, apenas boa por 19 pessoas e neutra para duas pessoas.

Interpretação dos dados

De um modo geral, os dados mostraram que alguns professores ainda não conhecem o Museu de História Natural, mas estão motivados a acompanhar os alunos na visita para aprender e complementar o conteúdo da sala de aula. Quanto à arqueologia, demonstram ter mais ou menos conhecimento sobre o assunto, especialmente os professores de História, havendo até alguma preparação anterior à visita ao Memorial do Cerrado, o que é bastante vantajoso em termos de motivação dos alunos.

O trabalho da equipe de monitores, também foi avaliada entre “bom” e “muito bom”, sugerindo que o suporte dado ao visitante favorece o aprendizado e facilita o recebimento das informações.

Da mesma forma, os alunos demonstraram receptividade sobre a temática da Arqueologia apesar de a maioria estar visitando o MHN pela primeira vez, indicaram que não houve dificuldades em compreender a seção de arqueologia, com poucas dificuldades apresentadas. Com as avaliações pessoais sobre se após a visita, teria conhecido melhor a Arqueologia, as respostas afirmativas corresponderam a 67%, já as respostas que diziam que melhorou em parte correspondeu a 32% e 1% não alterou seu conhecimento. Esses percentuais podem indicar que

sendo a visitação uma novidade, ela não ofereceu dificuldades e que houve contribuição para o entendimento. Mas nem todos estavam de acordo com isso, pois um percentual significativo, indicou que seu conhecimento foi apenas parcial.

Pode-se dizer que alguns problemas impediram uma melhor avaliação da oficina de escavação como apoio à seção de arqueologia, vez que o atraso na elaboração do formulário e o tempo chuvoso impediram uma investigação mais ampla da relação entre a seção de arqueologia e a oficina de escavação. Mas houve compreensão da técnica de escavação e reconhecimento dos artefatos encontrados, conforme também demonstrou a observação participante.

A expectativa era que, as turmas que só fizessem a seção de arqueologia, demonstrassem um número maior de resultados negativos sobre o conhecimento geral em arqueologia, porém com maior absorção do conteúdo da exposição. Já a escola que participasse dos dois ambientes, seção de arqueologia e oficina de escavação, apresentaria um número maior de respostas positivas sobre o conhecimento geral em arqueologia, boa absorção no conteúdo da exposição e respostas positivas sobre a compreensão sobre o trabalho do arqueólogo em campo, através da oficina de escavação, uma vez que esse resultado estaria diretamente ligado com a interação com a oficina. No entanto, não foi possível averiguar com exatidão estas diferenças.

Observação Participante

A observação participante foi realizada com as turmas escolares por meio da interação do pesquisador com os alunos no espaço do Memorial do Cerrado, no momento da visitação. Para todas as turmas foi feito uma fala inicial sobre o que é arqueologia, durante a intervenção, o pesquisador assumiu uma postura amigável e de respeito para que os alunos ficassem a vontade para fazer perguntas. Isso foi bom, porque algumas questões foram levantadas sobre pintura rupestre, vaso cerâmico e ferramentas líticas.

A primeira turma demonstrou que apesar de conhecer o estudo arqueológico, não conseguiam sistematizar respostas sobre o que é arqueologia, havendo pouca interação. Voltando-se para a arte rupestre, grande parte dos alunos reconheceu/interpretou algumas das pinturas vista no painel, quando passado pela vitrine do vaso cerâmico houve pouco interesse sobre a urna, porém quando perguntado sobre como caberia um corpo humano dentro do vaso cerâmico, surgiram algumas ideias comuns, como por exemplo, cortar o corpo ou queimá-lo,

em seguida o monitor explicava sobre o enterramento secundário. Na vitrine com artefatos líticos, os alunos se dispersaram dando pouca atenção à fala do monitor sobre o que eram e como foram produzidos.

Figura 9: Alunos e pesquisador na monitoria visualizando painel da arte rupestre. Foto: Levy Silvério.



Na segunda turma, já houve mais interação dos alunos sobre o que poderia ser arqueologia, havendo até algumas respostas sobre o que um arqueólogo pesquisa. Mas houve pouco interesse com o vaso cerâmico, quando feita a pergunta sobre a urna funerária, surgiram as mesmas respostas. Na vitrine onde encontram-se as peças líticas, houve interesse sobre as peças, surgindo perguntas sobre se aquelas ferramentas eram “pedras lascadas”, sendo provável que o conhecimento prévio dos alunos estaria designando aquele período como pré-história e como idade da pedra lascada.

Já na terceira turma, quando feita a pergunta sobre se alguém já havia ouvido falar de arqueologia, quase toda a turma deu resposta positiva, e algumas respostas anteciparam a fala do monitor. Sobre as pinturas rupestre, foi feita uma boa interação, havendo reconhecimento/interpretação de alguns animais, e também o conhecimento de pigmentos (urucum) utilizados na pintura. A grande maioria estava atenta ao chegar na urna funerária, dando sugestões variadas no momento da pergunta sobre como colocar um corpo dentro da urna. Ao chegar nas ferramentas líticas, se observou um fascínio pela ponta de projétil de

quartzo. Daí foi possível analisar através da interação que a turma tinha um conhecimento básico sobre arqueologia.

Após a apresentação inicial do pesquisador para a quarta turma, uma aluna perguntou o que eram as ferramentas na vitrine, sendo respondida pela monitora que acompanhava a turma, que eram ferramentas produzidas pelas primeiras populações que chegaram no cerrado. Depois na explanação da pintura rupestre e da urna funerária, quase não houve interação da turma, porém ao chegar nas ferramentas líticas, se percebeu um interesse maior, com mais alunos em volta do que o comum, observando atentamente a explanação. Após a explicação do pesquisador sobre o material lítico, a monitora na ocasião, também fez uma segunda interação com a turma, prendendo a atenção de alguns. Por fim, na vitrine da escavação e das camadas estratigráficas havia atenção e motivação em escutar os comentários da monitora que estava guiando a turma dando um novo ponto de vista sobre o material exposto.

Na intervenção da quinta turma, iniciou-se com uma pergunta a mais, isso deu outra dinâmica a esta fase inicial, a pergunta estava voltada às teorias de como a humanidade chegou nas Américas, alguns alunos conheciam a teoria do estreito de Bering, outras duas teorias foram explanadas pelo pesquisador, ouvidas com interesse. Posteriormente, obteve-se pouca interação com a pintura rupestre, enquanto sobre o vaso cerâmico, as mesmas respostas anteriores foram imaginadas, porém com uma interação interessante de uma aluna sobre a questão cultural do enterramento secundário, sendo feito o seguinte comentário “era algo parecido com a preparação de corpo dos egípcios?”, o pesquisador esclareceu a dúvida em questão. Na vitrine das ferramentas líticas não houve interação, porém muitos prestavam atenção na explicação.

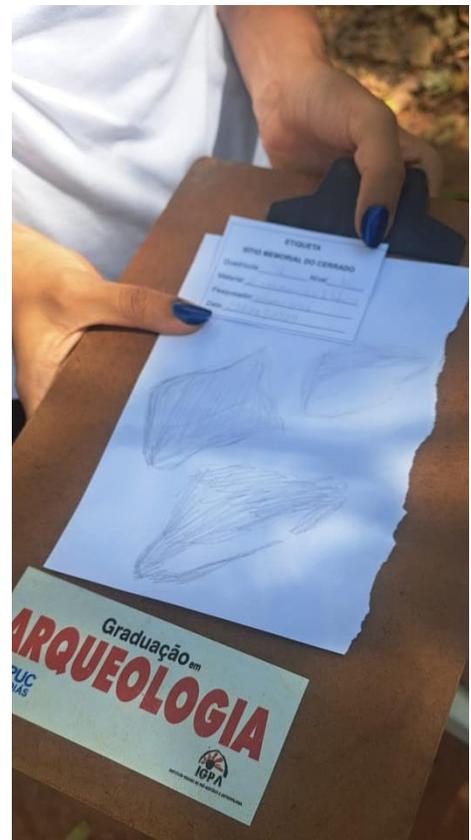
Para a sexta turma, além da interação na seção de arqueologia, teve também a oficina de escavação, primeiramente os alunos passaram pela seção de arqueologia, onde houve uma boa interação da turma sobre a primeira pergunta feita a respeito do que era arqueologia, grande parte da turma tentou responder, surgindo respostas próximas ao que o pesquisador buscava. Sobre as pinturas rupestres, alguns reconheceram/interpretaram as figuras vistas. Na vitrine do vaso cerâmico, ao ser feita a pergunta sobre como caberia um ser humano dentro da urna, um aluno acertou sobre a questão do primeiro estágio, que seria o enterro primário, porém não conseguiu concluir o raciocínio, o pesquisador o auxiliou complementando a resposta. Posteriormente, foram mostradas as ferramentas líticas, havendo interesse sobre elas. Por fim, foi mostrada a vitrine da estratigrafia. No segundo momento, na realização da oficina de escavação muitos estavam animados a fazer a escavação, depois da explanação do pesquisador,

os alunos começaram a escavação com a ajuda dos professores e da monitora que acompanhava a turma. A oficina foi bem dinâmica e os alunos perguntavam sobre os artefatos, buscando reconhecê-los

Figura 10: Alunos e professor realizando a oficina de escavação arqueológica. Foto: Gabriel Duarte.



Figura 11 e 12: Registro das alunas na Oficina de Escavação. Fotos: Anna Júlia Rigo Sperotto.



A última turma, no período vespertino, era do mesmo colégio que havia feito a escavação pela manhã, porém, como havia outra oficina pré-programada, não fizeram a oficina de escavação. Na seção de arqueologia, a turma estava bem interativa, mas estavam lamentosos por saberem que não iriam fazer a oficina de escavação como a turma do período da manhã. Quando feita a primeira pergunta, alguns alunos responderão, trazendo referências de filmes para a resposta. Nas pinturas rupestres não houve interação, quando apresentado a urna funerária e feito a provocação, poucos responderam, sendo as respostas esperadas, quanto a questão do esquartejamento ou da queima do corpo.

Quando apresentadas as ferramentas líticas, a grande maioria ficou interessada, surgindo uma dúvida de uma aluna sobre o que era uma ferramenta, sendo explicado pelo pesquisador. Ao chegar na vitrine da estratigrafia, um aluno perguntou se uma das peças exposta era “osso de verdade”, também teve sua dúvida sanada pelo pesquisador.

Atuando como monitor, o pesquisador pode escutar perguntas e respostas para compreender o conhecimento e também o imaginário dos alunos do ensino médio. Algumas considerações sobre esta etapa podem ser pontuadas, como o conhecimento básico sobre arqueologia, a categorização dos povos do passado como pré-históricos e da idade da pedra lascada, e o uso de referências à arqueologia egípcia, todos eles demonstram uma tendência a não associar os artefatos, modos de vida e a pintura rupestre à história indígena ou a classificações mais atuais que buscam desfazer a ideia de pré-história como um tempo em que os povos não tinham história. Um termo melhor seria período pré-colonial, que demarca a chegada dos colonizadores portugueses e permite a compreensão de continuidades das culturas que se estabeleceram no cerrado em períodos mais remotos, mas que nele se desenvolveram chegando aos povos atuais e aquele etnograficamente conhecidos.

Conclusão

Este trabalho teve como foco de pesquisa a temática da arqueologia, como ponto de partida foram feitas leituras em material bibliográfico que pudesse contribuir para a compreensão da temática arqueológica em museus e, para a produção da análise qualitativa da pesquisa. Assim, foi realizada a observação participante para a pesquisa, utilizando as respostas ao formulário para avaliar o conhecimento dos alunos visitantes sobre a Arqueologia no Cerrado.

Tratando-se de como foi feita a pesquisa, os resultados foram de certa forma positivos. Tendo como objetivo geral analisar a contribuição destas exposições de arqueologia no entendimento sobre as culturas humanas do passado que se estabeleceram no Cerrado, considero que a proposta foi alcançada. Através do formulário foi possível observar que houve uma compreensão perceptível da seção de arqueologia em relação a aprendizagem do aluno. Contudo, é preciso salientar que, uma grande maioria dos alunos já tinha ouvido falar sobre arqueologia.

Visando conhecer o nível de informação que chega às escolas sobre a arqueologia do estado de Goiás e se a seção de arqueologia está trabalhando no sentido de acrescentar novo conteúdo sobre este assunto ou apenas está validando o conhecimento já visto em sala de aula e por outras fontes, a análise mostrou uma tendência diferente. A partir dos dados foi possível verificar que, 67% dos estudantes conheceram melhor o que é a arqueologia e como o arqueólogo trabalha. Entretanto, 32% disseram que conheceram em parte sobre o que é arqueologia e como é o trabalho do arqueólogo, o que levanta questões sobre esse índice significativo para este resultado, buscamos elencar algumas considerações sobre essa porcentagem de menor absorção sobre arqueologia: 1. O pesquisador não soube explicar de forma clara e específica sobre os conceitos e conteúdo de arqueologia; 2. Falta na exposição algum tipo de informação ou conteúdo visual ou material que procure melhorar a explicação da arqueologia; ou 3. O aluno não tinha o interesse ou faltou de conhecimento prévio, não conseguiu absorver de forma ampla o conteúdo explicado e visto, sendo assim apreendendo em parte o conteúdo explanado. Contudo, apesar destes 32% serem um resultado considerável, a exposição não “falhou” de tudo, afinal foi uma absorção parcial, houve sim um aprendizado do aluno visitante. E em relação a 1% que não alterou seu conhecimento, não há informações suficientes para comentar o porquê da não absorção do conteúdo.

Uma das propostas iniciais era estudar a relação do aluno com a cultura material do período pré-colonial encontradas no Bioma Cerrado, contudo, na elaboração do formulário, talvez tenha faltado perguntas específicas sobre o assunto, para entender mais claramente este objetivo, fazendo assim ser alcançado mais profundamente o foco da pesquisa. Contudo, posterior à análise de dados, refletimos sobre a dificuldade do alcance dos objetivos em uma primeira pesquisa, afinal como diz Minayo (1992, p. 68): “existem três obstáculos para uma análise eficiente”, e fazendo uma autocrítica observamos que esse objetivo de pesquisa acabou pendendo para o primeiro obstáculo:

“O primeiro diz respeito à *ilusão do pesquisador* em ver as conclusões, à primeira vista, como “transparentes”, ou seja, pensar que a realidade dos dados, logo de início, se apresenta de forma nítida a seus olhos. Quanto maior for a familiaridade que o pesquisador tenha em relação àquilo que ele está pesquisando, maior poderá ser sua ilusão de que os resultados sejam óbvios numa primeira visão.” (MINAYO apud GOMES, 1997, p. 68).

Além disso, a mesma autora comenta que as análises podem não ser conclusivas logo da primeira vez, e que “o produto final da análise de uma pesquisa, por mais brilhante que seja, deve ser sempre encarado de forma provisória e aproximativa” (MINAYO apud GOMES, 1997, p. 79).

De qualquer forma, consideramos que o formulário conseguiu alcançar o objetivo proposto da observação do processo informativo e educativo da seção de arqueologia, conforme falam Horta *et al* (1999), onde:

Em qualquer atividade de Educação Patrimonial, a avaliação da experiência pode trazer subsídios que possibilitem aos educadores enriquecer a aplicação da metodologia utilizada, verificando o nível de envolvimento e compreensão dos alunos com o tema explorado (HORTA *et al*, 1999, p. 50).

Sendo assim, a utilização dos formulários possibilitou a conclusão dos objetivos iniciais proposto e a identificação de algumas problemáticas de pesquisa que não havia sido vista anteriormente.

Com isso foi possível analisar que os alunos mesmo indo pela sua primeira vez ao museu e trazendo uma base de conhecimento sobre a arqueologia, no momento da visitação, foi possível perceber interesse sobre a arqueologia, e que existe pesquisadores e pesquisas feitas no estado de Goiás, e estas contribuem para a valorização do conhecimento das sociedades pré-coloniais. É importante que novos conhecimentos sejam inseridos nas escolas, e o ambiente de

aprendizado não formal pode ser um suporte para o aprimoramento dos temas curriculares, mas especialmente, é um ambiente de interação onde novas experiências podem ser vivenciadas, abrindo espaço também para as experiências sensoriais e perceptivas.

Sendo assim, pode-se dizer que este TCC deixa algumas contribuições para o Memorial do Cerrado, pois a partir das análises feitas percebe-se que a seção de arqueologia e a oficina de escavação contribuem com a comunicação sobre o povoamento no cerrado no período pré-colonial e sobre como o arqueólogo trabalha. No entanto, percebeu-se, especialmente pela observação participante, que o público ainda utiliza termos como pré-história e idade da pedra lascada, que já se encontram ultrapassados, e usam referências da arqueologia egípcia para compreender as culturas e modos de vida pré-coloniais conhecidos pelos arqueólogos através de analogias feitas com culturas indígenas que chegaram até o período atual e que foram etnografadas.

Ainda sobre a comunicação sobre os primeiros povoamentos humanos no cerrado, considera-se a necessidade de atualizar o conteúdo da exposição, explorando melhor as pesquisas arqueológicas em participação com a produção acadêmica do curso de arqueologia e com a produção científica sobre o período pré-colonial. Sendo de grande importância demonstrar a continuidade destes povos com os povos indígenas.

Durante o acompanhamento dos visitantes, o monitor enquanto pesquisador, observou a facilidade com que os alunos perdiam a atenção na exposição, sendo difícil para os monitores, mantê-los focado. Sobre isso, muitas questões podem ser levantadas, como por exemplo, o grande percurso oferecido pelo Memorial do Cerrado e que as escolas levam cerca de 1h e 30 min. para percorrer, sendo exaustivo manter a atenção em todos os momentos. Neste caso, vemos a necessidade de trazer para a seção de arqueologia um roteiro mais dinâmico e atrativo, com textos menores e artefatos inseridos em pequenos contextos autoexplicativos. Para dar maior visibilidade às peças expostas é fundamental um projeto de iluminação, e efeitos sonoros para uma melhor experiência e imersão dos visitantes.

Para uma melhor interação com os artefatos sugere-se o uso de uma caixa tátil usando materiais didáticos, sendo esse material semelhante ao usado na oficina de escavação, para uma melhor interação sensorial dos visitantes com os materiais, tais como, ferramentas líticas e fragmentos cerâmicos. A caixa tátil possibilitaria uma experiência sensorial também para pessoas com baixa visão, contribuindo para maior acessibilidade ao conhecimento arqueológico.

Além da oficina de escavação, pode-se propor oficinas de desenho utilizando dos mesmos materiais. Esta atividade é uma forma de demonstrar como os arqueólogos trabalham na fase inicial das análises em laboratório, fazendo a identificação das peças arqueológicas e desenhando os artefatos.

Para a oficina de escavação sugere-se a implementação de uma programação fixa em que ela seria realizada uma a duas vezes na semana com o aviso prévio ao agendamento. Dando à oficina de escavação funcionalidade dentro do percurso do Memorial do Cerrado. Para tanto, os grupos precisariam ser menores para um melhor aproveitamento e seria importante fazer a formação dos monitores de outros cursos capacitando-os a realizar a oficinas, para que não haja sobrecarga e exclusividade em relação aos monitores graduandos de arqueologia. Assim, esta oficina poderia surtir mais efeito, com um trabalho de melhor qualidade e alcançando maior público.

Referências

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus de Arqueologia: uma história de conquistadores, abandono e mudanças. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 1996.
- COPÉ, S. M.; ROSA, C. A. D. A arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. **Ciências Humanas Pesquisa e Método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 97-124.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p. 67-79.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007.
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.
- IPHAN. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2014.
- INSTITUTO DO TROPICO SUBÚMIDO. **Guia de visitação**, Memorial do Cerrado Pe. Pereira, 2005.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1983.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; NETO, O. C.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- NETO, Otavio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p. 51-66.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio. Caçadores antigos no sudoeste de Goiás, Brasil. **Estudios Atacameños**, Chile, n. 8, p. 17-37, 1987.
- TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.
- WICHERS, Camila Azevedo De Moraes. Exposições arqueológicas e povos indígenas: passados excluídos e memórias exiladas. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, Uberlândia, v. 7, n. 1, 2017.